RAIMUNDO DE MENEZES

NAS RIBAS DO RIO-MAR

PREFACIO DE
ALVARO BOMILCAR

ILLUSTRAÇÕES DE
LEVINO FANZERES

1928
RIO DE JANEIRO

RAIMUNDO DE MENEZES

NAS RIBAS DO RIO-MAR

PREFACIO DE ALVARO BOMILCAR

ILLUSTRAÇÕES DE LEVINO FÁNZERES

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

PREFACIO

SINTO-ME simplesmente á vontade para dizer algumas palavras, não de critica mas de enthusiastico louvor, sobre o livro que Raimundo de Menezes — o jovem escriptor coestadano — intitulou sabiamente "Nas ribas do Rio-Mar".

Tendo residido, por duas vezes, em cada uma das lindas capitaes dos dois Estados que constituem a maravilhosa, esplendida e feraz planicie Amazonica, guardo desses dias accidentados, de luctas e vislumbrada bonança, uma tal impressão de saudade e affinidade sympathica, que só a comprehendem aquelles que por lá deixaram, para sempre, os seus amores, ou os que, acima de todos os amores, collocam o bello da natureza.

Ao tempo em que as illusões da juventude nos dão olhos deslumbrados para comprehender, objectivar e fixar, na poesia das palavras ou na poesia da côr, esses scenarios magnificos, a Amazonia attrahe-nos como o fazem as arvores de sua flora gigantesca ás lianas e parasitas que as circumdam.

Mais tarde, quando as decepções nos salteiam e as vicissitudes nos fazem ver o mundo e os nossos semelhantes com olhos desenganados, a lembrança desses mesmos quadros da abundancia tropical empolga-nos de novo ainda, como si ali somente, na vida rudimentar do cabôclo longévo e descuidado, houvesse o senso da verdadeira felicidade

Os que já leram, com interesse puramente scientifico, as obras de Humboldt e Agassiz, e, com olhos enamorados de poeta, as descripções admiraveis de J. Verissimo e Raymundo Moraes, (*) hão de certamente justificar o meu preito áquellas terras e avaliar os extases do santo prelado D. Frei Caetano Brandão, quando, ao alvorecer do seculo XIX, tendo viajado pelo rio Cajari, escrevia: "Confesso que, muitas vezes, alongando os olhos por aquellas situações tão apraziveis, bem desejei a puresa e innocencia das almas justas para poder, á sua imitação, subir por estes degráos ás maiores alturas do Céo e contemplar a amenidade daquelles jardins formados pela mão do Eterno Creador para recreio dos escolhidos. Ah! que si a terra, logar de desterro e cativeiro, assim está semeada de tantas bellesas, que será o Céo!"

Com effeito! Quem sabe si não foi em algum recanto da Amazonia que o autor do Genesis colheu impressões para a vida no Paraiso? Quem sabe si a narração de uma remota viagem áquellas plagas abençoadas não teria suggerido ao philosopho do "Contracto Social" as audacias da sua malsinada these do isolamento?

*
* *

"Nas ribas do Rio-Mar", o novo filho espiritual de Raimundo de Menezes, em nada destôa ou desmerece do "Outras terras e outras gentes", seu irmão mais velho.

As qualidades privilegiadas do chronista, cheio de

(*) "Scenas da vida amazonica" — "Na planicie amazonica".

vigor e naturalidade, de sinceridade e graça emotiva, resaltam agora — e cada vez mais nitidas — mostrando, exhuberantemente, que a nova geração de escriptores cearenses póde e deve orgulhar-se de possuir mais um talento cavalheiresco, apparelhado para os embates, nem sempre pacificos e incruentos, da palavra escripta.

Veja-se com que graça e espontaneidade, descrevendo o interior do Palacio de Belem, sabe elle apreciar o monumental "Transe doloroso", do insigne Baptista da Costa:

"É uma téla admiravel de sentimento. Representa um interior de casa pobre.

Sobre o catre, acaba de finar-se a filha mais velha. À pobre mãe, descalça, tendo deixado, no instante de angustia, as chinellas rolarem no chão, traz ainda sobre o solado de um dos pés a poeira do assoalho. É frisante esse detalhe.

Sobre uma cadeira de couro, descansa a vela, ainda a fumegar...

A filha mais moça debruça-se sobre uma das bordas do leito.

Junto a uma mesa, o pobre pae tem um ar de estatelação, emquanto, com as mãos entrelaçadas uma na outra, medita...

Até o cão, assentado sobre as patas trazeiras, parece contemplar, angustiado, aquella scena de dôr...

Pela janella entreaberta, onde repousa um jarro com flores a murcharem, entra uma restea tenue de luz escassa...

No ambiente quieto, ha um perpassar leve de melancolia suave e de soffrimento resignado."

*
* *

Essa literatura de viagens, apparentemente leve, facil e quasi sem responsabilidades, requer bom tino, bom

humor e grande finura de observação, para focalizar o detalhe sem prejudicar a vista geral do conjuncto.

Longe vão os tempos em que os grandes excursionistas — de Herodoto a Marco Pólo, ou de Strabão a Christovão Colombo, logravam impressionar os raros cultores das Sciencias e das Letras com as suas narrações singelas em que havia mais interesse nos factos lendarios e inverosimeis do que nas grandiosas descobertas que deveriam mais tarde enriquecer os povos e dar bases seguras para uma nova sciencia da terra e dos seus habitantes.

Viagens fazem-se hoje por desportos, por estimulos, de mercancia, por desenfado de ricos capitalistas e até mesmo por simples vaidade; não já por espirito de aventura, como antigamente acontecia.

Parece conveniente salientar desde já: o genero chronica leve de Raimundo de Menezes é precisamente o que noticia sorrindo, o que descreve sem enfadar.

Grandes escriptores como d'Amicis descrevendo "A Hespanha", e E. Castellar nas suas "Recordações da Italia" não se diminuiram abordando essa especialidade, dado o valor e estrondoso successo desses dois livros.

A literatura, já de si mesma exausta de factos sensacionaes, mirabolantes, de psychologias passionaes, de dythirambos lyricos ou eroticos, já incerta e vacillante sobre o proprio destino, exgottada pela velharia dos themas, por explorações mercantis de toda a casta, acabou descahindo no "cubismo" sem medida, no "penumbrismo" sem claridade, no "futurismo" sem futuro possivel... Mas, num paíz como o nosso, immenso, riquissimo e pouco estudado, na sua bellesa interior, um escriptor criterioso, como o nosso Raimundo de Menezes, encontraria sempre um filão de novidades e assumpto interessante, a valer.

Do Pará conta-nos o principal: tudo quanto póde satisfazer um curioso de sua vida e costumes, lá não

podendo ir. E relembra, aos que lá foram, as espirituosas quadrinhas populares, caracteristicas da região:

" Quem toma o tacacá
Ou bebe o assahy,
Si não for de cá
Não sáe mais daqui."

ou:

" Veio ao Pará
Parou,
Tomou assahy
Ficou "

Do Amazonas descreve-nos, com brilho e leveza, a Cidade-Sorriso — Manáos; falla-nos de sua graça e encantos; do esforço ali desenvolvido a bem da verdade administrativa pelo actual governante, dr. Ephigenio Salles; da riquissima collecção numismatica; das lendas amazonicas, e analysa sympathicamente o meio intellectual.

Em tudo o louvor discreto e bem distribuido.

Daquelle adeantado meio literario bem me recordo de astros de primeira grandesa — que ali conheci ha uns vinte annos — cuja luz ainda brilha com intensidade: — o insigne artista-poeta Jonas da Silva, o maravilhoso chronista Pericles Moraes, o illustrado belletrista e homem da sciencia dr. Adriano Jorge.

* * *

Sem receio de contradictar a chamada imprensa amarella — e oxalá meu fraco opinar valesse por uma chronica dos nossos dias — póde-se asseverar que não é só o dr. Ephigenio, do Amazonas, o unico governador preoccupado pelo bom andamento dos negocios publicos.

Todos os governos dos Estados do Norte se encontram actualmente em bôas mãos.

Os cágados arregimentados da politicalha profissional, parece, já estão bem convencidos de que a sua estrella começa a empallidecer e a sua "chance" de predominio não voltará jámais.

*
* *

O Brazil anda bem carecido de pennas nacionalistas, como a desse moço cearense, que o estimem e venerem, que saibam dizer ao mundo e a nós mesmos o que somos e quanto valemos. E não sómente encarados pelas riquezas inexploradas e adormidas no solo, como pela superioridade das nossas sub-raças trabalhadoras, comparadas nas suas excelsas virtudes de bondade, resistencia, desinteresse e abnegação, com os baixos elementos sociaes da mór parte dos povos européos — egoistas uns, grosseiros outros, sanguinarios quase todos.

Duggan e Oliveros, quando baixaram do illusorio céo de glorias, no Amapá, perdendo o seu gigantesco hidro-plano e entrando, cheios de susto e desespero, na canôa de Josino Cardoso, receiaram que o seu dinheiro, joias de estimação, ou mesmo suas vidas, fossem sacrificados, sem dó e sem piedade, pelos heroicos tripulantes da "Jurunas", a celebre vigilenga paraense.

Receiavam porque não conheciam a grandesa d'alma do homem americano, seu genio compassivo e hospitaleiro. Julgavam-se ali, talvez, á mercê de miseraveis piratas da Tripolitania, dos bandidos montenegrinos, "apaches" de Paris ou "pick-pokets" de Londres, tão conhecidos e vulgarizados nas telas cinematographicas.

Tal gente si tivesse ás mãos naufragos em taes condições e não lhes tirasse a vida, certamente não se dispensaria de levar-lhes, pelo menos, as camisas...

*
* *

Não possuimos somente bellesas naturaes ignoradas. Ha um rór de cousas notaveis, obras de brasileiros emprehendedores, na industria, no commercio e em todos os ramos de actividade, absolutamente desconhecidas; artistas desconhecidos; cidades do interior já adeantadas e prosperas, pouco ou nada conhecidas.

Quem quizer fallar dessas cousas com verdade e olhos de optimista, — que são os do patriota — muito poderia adeantar-se ás letras futuristas das revistinhas mundanas do Rio de Janeiro.

Entre os politicos e homens de governo, ha muitos bem intencionados que trabalham, quasi em silencio, pelo nosso progresso, pelo nosso futuro. Estes são tambem mal conhecidos, ou apenas figuram nos annaes do Congresso e nos relatorios da imprensa official ou officiosa.

Essa ninguem lê.

Lêem-se, porém, com avidez crescente, os sueltos dos jornaes barulhentos, escandalosos, demolidores, imprensa feita ao sabor do internacionalismo corruptor, judaisante e bolchevista, da estranjeirada ladina da metropole, a mór parte interessada no nosso aniquilamento.

É essa imprensa que de trinta annos até hoje se esforça por convencer-nos de que "todo o homem publico brazileiro é ladrão e sem caracter", e que o povo é preguiçoso, doente, dessorado pela verminose e pelo alcool. Em summa, que o Brazil "é um vasto hospital", na phrase erronea de Miguel Pereira, e um paiz absolutamente perdido...

*
* *

Menezes elogia o actual governador do Pará, doutor Dyonisio Bentes, e faz bem.

Não há como regatear elogios ás grandes qualidades de senso e descortino desse illustre politico, bastando citar, entre as suas victorias administrativas, esse Contracto Ford — o mais sério, o mais proveitoso, o mais feliz dos negocios com que um homem de visão larga poderia beneficiar o seu rincão nativo.

Pará e Amazonas — as regiões mais ricas da terra em possibilidades economicas — experimentam provações, longas phases de lethargo e desanimo em seus negocios.

O facto explica-se por não possuirem ambos commercio nacional regular.

Ha ali apenas um commercio estranjeiro, rotativo e transitorio, que drena, para os seus paizes de origem, todo o ouro, todo o lucro de suas operações commerciaes, nada, ou quasi nada, deixando em nosso paiz !

Após um anno de muita prosperidade, em que a alma do povo se envaidece, rejubilando-se satisfeita pela alta cotação de seus mirificos productos, — que são, afinal, a prova de seu esforço, de sua operosidade, — cáem, de novo, os dois Estados nortistas, na mesma modorra, na mesma inquietação, na mesma miseria !

O trabalhador da borracha e da castanha, o que abre estradas ao passo humano e o que impelle canôas, na vastidão equórea da Amazonia, é um eterno escravizado ao dono do seringal !

Este, a seu turno, não o é menos ás casas aviadoras — todas estranjeiras — que lhe abrem a conta corrente e lhe facilitam a formação do credito, nas praças de Belém e Manáos.

E como nos jogos de azar quem lucra, quasi sempre, é o banqueiro, são, afinal, os commerciantes estranjeiros (que para aqui não trouxeram capitaes) os unicos beneficiados por um tal systema de negocios !

Isso explica sufficientemente a bulha que se tem

feito e se vem fazendo contra a vinda de Ford; o muito que se tem gasto em palavras e em dinheiro para combater, por todos os meios, as grandes possibilidades com que nos acena; porque a sua presença ha de fatalmente fazer desapparecer methodos judaicos de usura secularmente admittidos ali.

Ford é o mais esclarecido, o mais adeantado e o mais humanitario dos industriaes de todos os tempos.

Compromette-se a sanear a região que irá explorar e, além disso, pagará até 5 dollars diarios aos seus operarios, não pelas horas de trabalho, mas, conforme o seu systema justiceiro, — pelo que tenham produzido.

Empregará, de preferencia, o trabalhador nacional.

É, como se vê, uma esplendida vantagem para a Amazonia, que ha de agora ser de novo descoberta, resurgir, não para a admiração platonica de "touristes", em villegiatura, mas para as realidades do progresso e bem ser a que têm direito os seus filhos.

*
* *

Certamente, as clausulas desse contracto, apontadas como inconvenientes pelos máos negocistas e até por figurões politicos, atravez das columnas pagas da imprensa carioca, não terão escapado ao exame consciencioso dos mais altos poderes da Republica e obtiveram tambem o "placet" da nossa culta diplomacia, assaz esclarecida, demasiado cautelosa em suas attitudes tradicionaes. Sem ella, sempre devotada aos magnos interesses de nossa Patria, nada ter-se-ia podido fazer.

Bastam estas considerações — si outras muitas não militassem em pról do Contracto Ford — para fazer desvanecer vãos temores, que só podem alimentar aquelles que ainda desconhecem a encantadora verdade contida no celebre apologo da "panella de barro", receiosa de descer a torrente ao lado da sua irmã de "ferro"...

*
* *

Raimundo de Menezes conseguiu para o seu livro a excelsa collaboração do glorioso pintor de paizagens — Levino Fánzeres, o poeta da côr.

Discipulo de Baptista da Costa, e daquelles que mais têm sabido honrar a memoria do mestre, Fánzeres — o adorador dos nossos poentes, o mais perfeito e o mais completo dos nossos artistas picturaes, capaz, si quizesse, de vencer em todos os generos, é um consagrado da alta critica.

Elle dará, com o seu magico pincel, lindas illustrações escolhidas pela sua alma emotiva de cabôclo espirito-santense.

Fánzeres, o enamorado de nossas bellesas, não é sómente um nacionalista de propaganda, um bandeirante batalhador, enthusiasta, como nós outros, das coisas da nossa terra. É um vencedor em toda linha: além de consagrado pelo talento, que é graça divina, logrou o bom exito e a fortuna, com as suas télas magnificas — o que muito honra o Brasil dos nossos dias.

Fortaleza, 24 — 8 — 928.

ALVARO BOMILCAR.

PAISAGENS DO ESTADO DO PARÁ

Ao exmo. sr. dr. Dionisio Ausier Bentes, dignissimo Governador do Estado do Pará, a grande admiração e o grande reconhecimento do

AUTOR.

A CAMINHO DA AMAZONIA

O prazer de viajar — Figuras interessantes de bordo — Singrando aguas amazonicas — Céos tropicaes — Em Belém do Pará.

Ao Dr. Alvaro Bomilcar

É SEMPRE interessante viajar.

Ha mesmo quem affirme, categoricamente, que não existe na terra prazer mais delicioso. Conhecer novas terras, novos costumes, colher novas impressões, novos conhecimentos.

Não sei qual escriptor nacional affirmou que preferiu viajar a bacharelar-se... Não ha asserção mais verdadeira e mais cheia de sinceridade. Viajar é instruir-se. Correr terras desconhecidas é folhear um livro instructivo. E quando essa viagem tem por fito a propria Patria desconhecida, é duplo o interesse, é dupla a somma de conhecimentos. É obra de patriotismo.

Todas estas phrases me sáem da penna, emquanto a bordo do "Pedro I", este luxuoso paquete do "Lloyd", demando as terras fantasticas da Amazonia, enlaçarotadas no rio-dos-rios, o rio-gigante...

O "Pedro I" deixou Fortaleza, numa manhã plumbea, sob uma atmosphera de inverno promis-

sor, manhã enfarruscada e cinzenta. Apesar disso, os "verdes mares bravios" pareciam calmos e côr do céo.

A bordo, uma chusma de passageiros, caras desconhecidas e novas, circula, num vae-e-vem, para aqui e para ali, em busca dos camarotes, á procura das bagagens.

A hora das partidas é sempre commovedora. Ha um frenesi que electriza.

Em pouco, começam as manobras e, em breve, o barco se move e anda, mar afóra.

Lá longe, o casario da cidade se perde indeciso.

Já surgem pelos tombadilhos os indefectiveis *bonets* de turismo e as *écharpes* de côres variegadas.

A pouco e pouco os conhecimentos se travam e vem a palestra e trocam-se as observações.

Um "jazz-band" perturba a monotonia da viagem, emquanto pares enlaçados, nos tombadilhos, dançam o "charleston" e as conversações rolam de cadeira para cadeira, numa lassidão de torpor.

Ao longe, terras distantes, costas côr de neve, entre as linhas do céo e do mar.

*

* *

Ha uns cavalheiros muito amaveis que contam coisas do Rio de Janeiro, coisas interessantes, já se vê.

Ha senhorinhas muito modernas, de gestos desembaraçados, que trançam as pernas com desenvoltura, a dizerem coisas deliciosas tambem da metropole.

Tudo cheira a Rio de Janeiro. É a capital da Republica transplantada para as regiões amazonicas.

Tudo é carioca: os gestos, as palavras, as maneiras e até as historias bizarras e as danças exoticas...

Mas a figura deliciosa de bordo, e que não póde fugir ao registro, é a de certo official do navio: o medico.

Tipo "sui generis". Alto, delicado, attencioso, de anel ao dedo, maneiras finas, anda pelos passadiços, ao redor das damas e das moças.

É seu maior prazer conversar com saias. É seu maior prazer galantear as senhorinhas. É seu "pé de roda" ás moças é impagavel.

Quando sáe dessas palestras, põe-se a contar o numero de "flirts" que teve e que conseguiu. Sua preoccupação unica é a mulher em geral. Vive a falar dellas, com um enthusiasmo, com uma insistencia lamentavelmente ridicula...

O meu companheiro de camarote, um moço amavel, chegou perto de mim e contou-me coisas interessantes.

Entre estas figúra a seguinte:

A bordo vem um casal gaucho que traz linda filhinha, conduzida por uma negra retinta, beiçuda,

feia como a necessidade, que usa oculos, uns oculos que mais lhe augmentam o grotesco do tipo achimpanzézado.

Ella passeia a sua feiura pelos tombadilhos, a mimar sempre carinhosamente a pequerrucha, que acha uma graça immensa em sua ama.

Pois bem. Essa negra, assim feia e assim de oculos, ouviu falar em Belem do Pará, para onde vae o casal gaucho, e entendeu que se tratava da mesma Belem, onde nasceu Jesus Christo, e lá foi perguntar, aos patrões, alvoroçada e cheia de gestos, si era verdade o que imaginava !

*

* *

A's 2 horas da madrugada do segundo dia de viagem, dormia eu, a máo dormir, alagado de suor, quando despertei, o navio parando.

Era Salinas, onde o "Pedro I" tomava o pratico.

Quando, manhãzinha cedo, encostado á amurada, observei o mar, tive uma surpresa e uma admiração.

Caminhava em pleno Amazonas, não havia duvida, disse com os meus botões.

Indaguei. Explicaram-me.

Era, na verdade, o rio-mar, que entrava, de oceano a dentro, sem misturar as suas aguas barrentas com as verdes-esmeraldinas do Atlantico.

Que espectaculo interessante !

E assim milhas e milhas, separados sempre os dois elementos, predominando sempre a agua cinzento-escura do Amazonas, aqui e acolá, enfeitada de pedaços de raizes, de grossos troncos, de restos de madeira, aos rebolos, tangidos na onda...

Pelas 9 horas, avistámos, ao longe, como um jardim florescente, a ilha de Marajó e, mais adeante e muito mais adeante ainda, trechos de terra, de uma vegetação exuberante, de um verde-negro, quente e pesado, que logo dava na vista.

É um verde forte e triste, differente dos nossos verdes lá do nordeste.

Parece que toda a seiva brotou e saíu, em demasia, sequiosa de nutrir tudo, exuberantemente.

O céo é sempre recoberto de nuvens pesadas que occultam o azul — nuvens negras e carregadas.

Que differente dos céos da terra cearense, onde os céos cantam a apotheose do azul, doirados por um sol que parece uma hostia de brasa, em holocausto eternamente.

E, aqui e acolá, bordando a agua, avistámos ao longe as praias lindas e encantadoras do Chapéo-Virado, de Murubira e do Pinheiro, e uma variedade enorme e incalculavel de ilhas e de ilhotas, verdes, cantantes de verde.

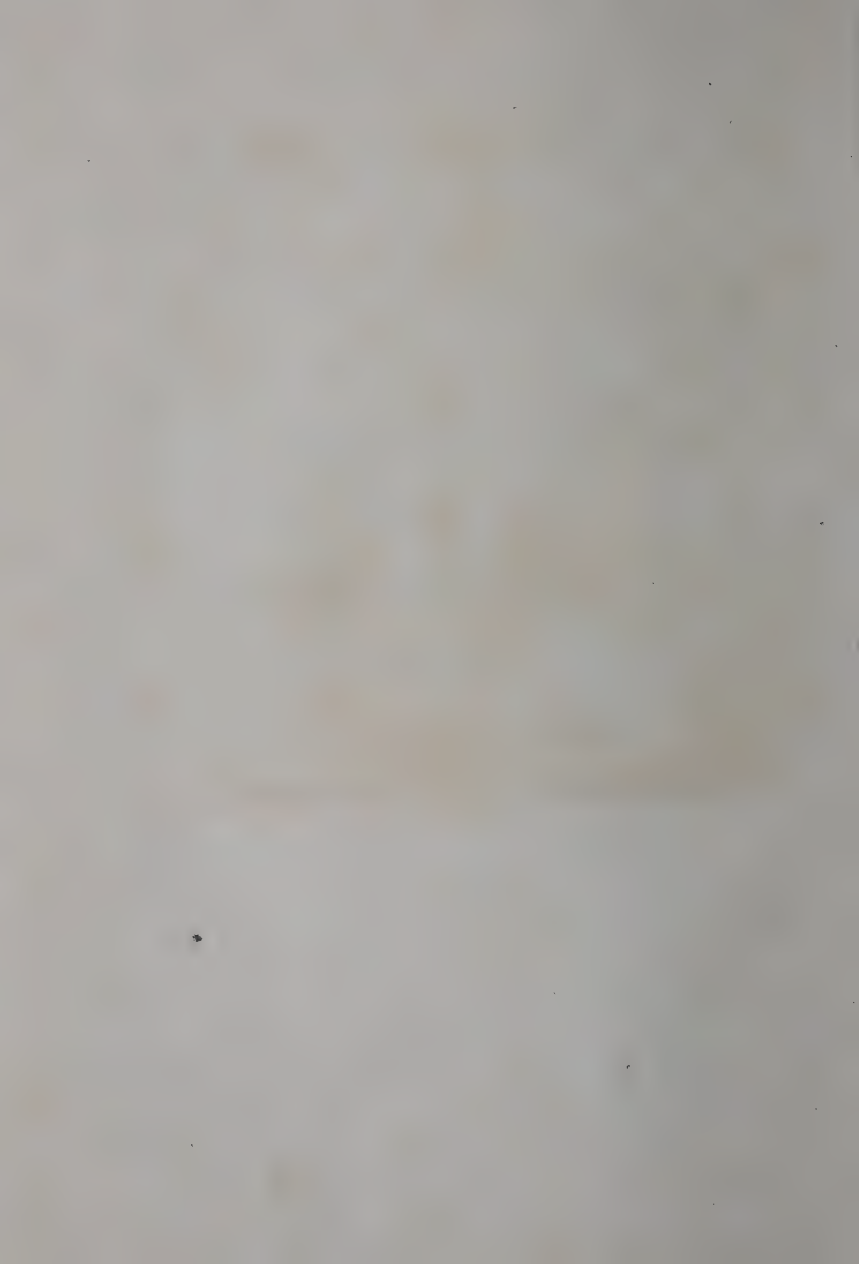
Em nossa frente a ilha das Onças, espiando a cidade immensa.

E, dentro em breve, lá muito ao longe, o casário de Belem, algo parecido, em sua visão acolhedora, com o da Fortaleza.

O navio não atracou, á falta de maré, e lá fomos em lancha a gazolina para terra, a vêr a cidade de Belem.

E ruas afóra, no automovel que me levou ao hotel, a impressão que colhi foi a mesma que tivera já na bahia de Guajará — Belem é uma capital moderna e encantadora, que, em parallelo com Recife ou com São Paulo, não fica atrás em movimento e em progresso, graças á administração orientada e intelligente do probidoso governador Dionysio Bentes, uma figura inconfundivel no scenario da politica nacional, que, na governança do Estado do Pará, se vae impondo cada vez mais no prestigio dos seus coestadanos, em geral.

CIDADE DAS ARVORES

Uma visão da capital guajarina — Mangueiras e só mangueiras! — O bosque Rodrigues Alves — A basilica de Nazareth — Um indio!

Ao dr. Crespo de Castro.

DA JANELLA do meu quarto, neste Grande Hotel da Paz, no popular e aristocratico Largo da Polvora, eu tenho sob os olhos, numa visão larga e espraiada, como numa tela de paisagem, a cidade de Belem, com o seu casario multiforme e côr de cinza.

Não existe, creio, logar mais propicio para terse, de um só jacto, sob a vista, uma parte bem vasta da capital guajarina.

Entremeando as casas e os palacetes, enfeitiçando-os, com o encanto da sua chlorophila, as arvores de um verde carregado, aqui e ali, alegram a architectura da cidade.

E além, côr de barro, chamalotada de ilhas e ilhotas verdejantes, a bahia apertada e estreita, como uma fita a scintillar á luz do sol...

Belem ! Como és encantadora, cidade do Guajará !

As tuas arvores são a tua maravilha ! Não co-

nheço cidade de arborização mais perfeita e mais completa.

As tuas ruas, as tuas praças, as tuas avenidas, os teus largos, os teus "boulevards" parecem as alamedas de um parque.

As tuas mangueiras ! Ah ! As tuas mangueiras, simetricamente dispostas, quer nas ruas mais elegantes, quer nos becos mais sordidos, fornecem ao visitante uma nota de novidade.

Eu percorri quasi todas as tuas vias, numa curiosidade insatisfeita e, em cada arteria nova que encontrei, tive a ventura de sorrir, numa alegria de sceptico, ao verde-negro das tuas mangueiras que se erguiam para o ar, como ramos de esperança...

Eu sorri e acreditei na felicidade...

Que maravilha os parques de Belem !

Em cada recanto de praça descobre-se um, todo verde, verde-garrafa, verde-gaio.

E, cá e lá, os bancos ensombrados, os caramanchões acolhedores e suaves, os coretos recobertos de musgo.

Essa faceta de progresso que se nota em Belem deve-se ao seu actual intendente, um incansavel administrador, o abalizado engenheiro Crespo de Castro.

*

* *

O Bosque Rodrigues Alves é supremo de pinturesco.

PALACIO DA INTENDENCIA — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

Semelha, com exactidão, um trecho largo e vasto de floresta amazonica.

Fica distante da cidade.

Fui vê-lo numa manhã domingueira. E, perdendo-me dentro do grande "bois", percorrendo as suas longas alamedas, tive a impressão de ir desaparecer num matagal misterioso e desconhecido.

Que lindeza de arvores ! É uma flora toda nova e inédita. Os arbustos erguem-se indefinidamente, simetricos, rectilineos, impeccaveis em elegancia, altos, esguios, imperturbaveis ao soprar do vento...

Tem-se a idéa de andar enfiado em uma enorme muralha vegetal.

Aqui, uma ponte sobre um lago. Ali, um coreto carunchoso. Acolá, um joãogalamarte para creanças. Mais além, bancos apodrecidos pelas chuvas.

Quanto pedaço e recanto encantador para um convescote !

Os passeios parecem não mais findar, sempre a levar-nos a vêr novos recantos e a vêr novos trechos envoltos em novidade e em pinturesco.

Quando voltei ao portão principal e vi um grande kiosque, á entrada, para venda de iguarias e, mais além, um bonde a correr barulhentamente sobre os trilhos, foi que despertei da illusão — não estava num trecho de floresta do Amazonas lendario !

*

* *

Nazareth ! A basilica monumental dedicada pela devoção popular á Virgem-Maria !

O enorme e sumptuoso templo ergue-se, ainda incompleto e ainda em construcção, defronte do largo do mesmo nome.

No alto do frontispicio majestoso, entre andaimes, vae em obras a sua faixada.

O oiro vivo e brilhante, as côres variegadas: a imagem de Nossa Senhora de Nazereth.

Dentro, tudo ainda em trabalhos. As columnas, maravilhosas. Os vitraes, um encanto.

Em toda a extensão, pelas paredes, no alto, as redomas dos factos principaes da vida de Christo, em marmore finissimo.

E em cada uma, um nome e um sobrenome. São as pessoas que concorrem com dadivas valiosas para a basilica. Tiveram desta maneira o seu appellido ali perpetuado.

Ao fundo, o altar-mór, todo prompto: uma maravilha. Tudo marmore, marmore variegado e scintillante.

As paredes, o chão, o tecto: deslumbrantes.

No altar nenhuma imagem, a não ser o crucifixo e, em uma especie de nicho, o vulto, pequenino e minusculo e original, da Virgem.

O ouro encrustado, o marmore alabastrino, as

madeiras preciosas, tudo torna riquissima a basilica.

Dentro de dez annos teremos finalizado e prompto o bello templo, um dos mais lindos e dos mais ricos do Brasil, quiçá da America.

*

* *

Um indio ! Não se espantem. Não ha aqui antropophagos !

Escutem-me antes de assustarem-se.

Estava eu no Palacio do Governo, á hora das audiencias do chefe do Estado.

Esperava no salão principal do vasto edificio a minha vez de ser chamado á presença do governador, quando, em palestra com o major Antonio Nascimento, assistente militar, vi, a um canto, macambuzio e desconfiado, um vulto negro.

Inquiri, e o major, a sorrir, disse-me:

— Um indio !

Aproximei-me, curioso.

Era um homenzarrão, forte e espadaudo.

A cabeça, um vasto matagal de cabellos pretos e corredios, despenteados e longos. O rosto acaboclado: olhos largos, nariz chato, labios descaídos. Cobria-lhe o vasto corpo grosseira roupa de algodãozinho, suja e simples. Os pés, descalços, pés enormes, de dedos enormes.

Entretinha-se a olhar as unhas.

Falei-lhe.

Respondeu-me, a principio, medrosamente. Em pouco falava mais desembaraçado. Discorreu com facilidade em português.

Era da zona do Tocantins.

Viera á capital em busca de ferramentas e armas para a tribu de que era "tuchaua", o chefe.

Pela primeira vez vinha a Belem. Viajára só.

— São indios catechizados, disse-me o assistente militar. De quando em vez vêm a esta capital buscar mantimentos do governo. São agricultores, em geral.

— Não quer ficar em Belem ? indaguei do caboclo, emquanto me retirava.

— Não, minha terra é melhor. Gosto mais de lá. Sou o "tuchaua".

E o pobre indio, encostado áquelle recanto do salão, sempre a olhar as unhas, macambuzio e calado, lá se ficou, á espera da sua vez para falar ao governador.

NO PALACIO DO GOVERNADOR

A secretaría geral do Estado — "Sub lege progrediamur" — "Transe doloroso", de Baptista da Costa — Salões de puro gosto artistico — Uma mesa historica.

Ao Levino Fánzeres

UM SOLDADO, em frente a uma guarita, perfilou-se e apresentou armas.

O major Antonio Nascimento, assistente militar do governador, em cuja companhia acabára de percorrer os principaes e mais interessantes edificios publicos de Belem, — respondeu áquella continencia.

Estavamos em frente ao Palacio do Governador.

Penetrámos-lhe o vestibulo. Largas arcarias de marmore. Decorações vistosas e sobrias.

Começámos a subir umas longas escadarias de pedra.

A impressão é, desde logo, francamente, encantadora.

Em pouco, davamos entrada no salão de espera.

Pelas paredes, telas de pintores celebres.

Varias secretárias.

Ao canto principal, em sua mesa, trabalha, deante de uma pilha de officios, rodeado de cerca de dez ou mais pessoas que o esperam — o illustre

dr. Deodoro de Mendonça, secretario geral do Estado e uma das figuras mais em destaque do mundo intellectual belemense.

Tipo perfeito de gentilhomem, fidalgo de trato e de maneiras, attende com solicitude a toda aquella gente, ao mesmo tempo que vae despachando, afanosamente, a enorme papelada que se acastella em sua secretária americana.

Passámos a outra sala. O mesmo espectaculo. Aqui, vão attendendo ás partes outros altos funccionarios.

Ao fundo, além, se segue a secretaría, vendo-se um sem numero de machinas de escrever a trabalharem, ruidosamente...

Sub lege progrediamur é o que vejo, no alto de uma parede, encimando as armas do Estado: uma aguia sustenta no bico um escudo rubro, onde se nota sobre uma faixa branca uma estrella azul; em redor, ramos verde-negros e uma fita amarella com a phrase latina.

Aquelle symbolo representa com muita verdade e precisão a grande alma paraense.

É ali o gabinete do governador.

Vistosamente mobilado, apresenta um aspecto de requintada distincção.

Estamos no salão dos despachos, onde o chefe do Estado trabalha e dá audiencias.

Dependurados nas paredes, quadros notaveis.

Á esquerda, *Transe doloroso,* do grande J. Baptista da Costa.

VESTIBULO DO PALACIO DO GOVERNADOR — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

É uma tela admiravel de sentimento. Representa um interior de casa pobre.

Sobre o catre, acaba de finar-se a filha mais velha. A pobre mãe, descalça, tendo deixado, no instante de angustia, as chinellas rolarem no chão, traz ainda sobre o solado de um dos pés a poeira do assoalho. É frisante esse detalhe.

Sobre uma cadeira de couro, descansa a vela, ainda a fumaçar...

A filha mais moça debruça-se sobre uma das bordas do leito.

Junto a uma mesa, o pobre pae tem um ar de estatelação, emquanto, com as mãos entrelaçadas uma na outra, medita...

Até o cão, assentado sobre as patas traseiras, parece contemplar, angustiado, aquella scena de dor...

Pela janella entreaberta, onde repousa um jarro com flores a murcharem, entra uma restea tenue de luz escassa...

No ambiente quieto, ha um perpassar leve de melancolia suave e de soffrimento resignado.

A enorme tela do notavel artista brasileiro prima pelo colorido perfeito e saltitante de emoção.

Os mais indecisos pormenores da tela realista resaltam, pasmosamente, apanhados pelo pincel feliz do mestre completo: a poeira dos pés da mãe que, chorosa, se debruça sobre a cama; a vela caída, negligentemente, sobre a poltrona, ainda a fumaçar uma fumaça leve e tenue; o olhar amei-

gado de soffrimento do cão fiel; as felpas nodosas do assoalho velho; uma dobra quase imperceptivel do tapete rôto, que se encolheu, talvez, impellido por algum pé descuidado; o cruzar dos dedos do velho, abatido de soffrimento, numa posição de torpor e de lassidão; a luz que se côa, suave, pela janella entreaberta e que vae beijar, docemente, as flores emmurchecidas e, logo em seguida, o rosto pallido da donzella que tem ainda os olhos semicerrados... tudo, emfim, é de uma exactidão e de uma precisão que estarrecem — aos olhos perquiridores do artista nada escapou!

Do outro lado estão: *Natureza,* do pintor espanhol Z. Goayero, tambem em ponto grande; *Icarahy,* de Dakir Parreiras; *Morte de Virginia,* de Antonio Parreiras; *Falqueijadores,* de Benedicto Calisto; *Cabocla,* de J. Irinéo, e, ao fundo principal, o retrato a oleo do dr. José de Araujo Rozo, primeiro presidente da Provincia do Pará — 1793-1833.

Resalta a um canto: *Murmurios da tarde,* de Levino Fánzeres, o notavel e festejado pintor nacional. É um quadro profundo de sentimento e de poesia.

Representa um fim de tarde maravilhoso, em que o sol se encobre por trás da floresta, como um murmurio doce e suave de luz e meias-sombras.

Visitámos, em seguida, o salão General Carneiro de Campos, decorado com fino gosto *art-nouveau,* onde se vêem os retratos daquelle general e de

Benjamin Constant e varios quadros dos artistas Balthazar da Camara e Amazonas Pantoja.

O Salão Pompeano é soberbo.

É uma obra prima de J. Casse. Tem a orná-lo quatro dunkerques, do mesmo estilo pompeano, vendo-se-lhe os relevos e os ornamentos em bronze.

Essa sala é um primor de graça architectonica e de pintura decorativa. O que ha de mais admiravel nesse apartamento é o lustro maravilhoso, formidavel de belleza.

Vem logo immediatamente, o Salão dos Governadores, em estilo "Imperio".

Ornam-lhe as paredes encantadoras os retratos, em ricas molduras, de todos os administradores do Estado do Pará.

A um canto, um gobelim vistoso representa o grito historico das margens do Ypiranga.

É um trabalho nacional, tendo uma moldura linda, feita de variadas madeiras paraenses.

O *cachet* da suprema distincção e requintada elegancia é o salão de honra.

Simplesmente primorosa a sua decoração. Tem um aspecto grave e solemne.

É em rigoroso estilo "Renascença".

Pelas paredes, a galeria de todos os Presidentes da Republica.

Uma nota viva de interesse: todas as salas que vimos percorrendo teem o seu assoalho feito, admiravelmente, de madeiras paraenses, a representa-

rem mil especies de mosaicos, bizarros, elegantes, filigranados...

Occupando todo o fundo do salão de honra está a colossal e bellissima tela de Antonio Parreiras — *A conquista do Amazonas,* pintada em 1907.

É um trabalho historico feito esmeradamente e caprichosamente.

O thema é uma das expedições de exploração e conquista emprehendida pelos portugueses.

Representa um episodio da caravana organizada por Jacomo Raimundo, governador da capitania do Maranhão, e commandada por Pedro Teixeira e Pedro Favilla.

O quadro expõe o momento em que, na aldeia *Franciscana,* em 1639, o escrivão João Gomes de Andrade faz a leitura do acto de posse daquellas terras.

Na tela se vêem frades, missionarios, franciscanos, aventureiros, indios, fidalgos...

O chefe da tribu, tendo quebrado as armas, parece sem forças para reagir áquelle golpe.

Ao fundo, de um lado, as velas e mastros das caravellas dos conquistadores, e, lado opposto, as *pirogas* e *igarités* dos selvicolas...

Mede esse quadro oito metros de largura sobre quatro de altura.

Possue elle, mais ou menos, cerca de cem personagens.

Ha uma nota que, deveras, o descaracteriza: o azul intenso e sem *nuances* do céo, um azul fortis-

simo que parece descer do alto e impregnar até as figuras.

Que pena essa falha para tela tão maravilhosa ! Os céos amazonicos são tão differentes...

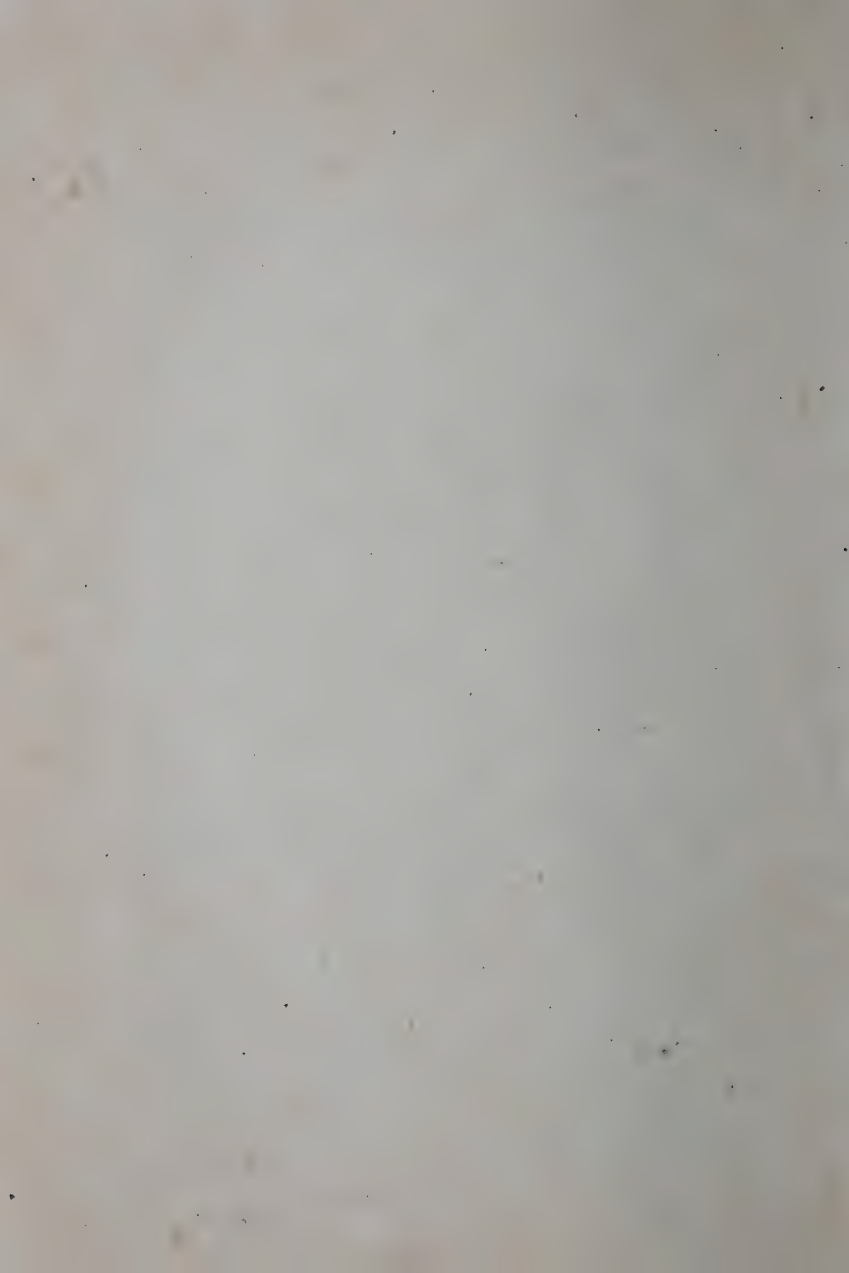
Uma mesa de jacarandá, ao meio da sala, chamou-nos a attenção: uma mesa historica. Aproximámo-nos, curiosos.

Cobre-lhe o alto um tampo de marmore, em que se lê, gravado, o seguinte:

"16 de novembro de 1889. Para poder ser ouvido pela compacta massa popular que, no memoravel dia 16 de novembro de 1889, se achava reunida no Palacio do Governo, o patriota dr. José Paes de Carvalho, de pé sobre esta mesa, em nome do povo e commissionado pelo exercito e armada, intimou a deposição do presidente monarchico dr. Silvino Cavalcante de Albuquerque, que se submetteu, sendo proclamado o governo provisorio do Estado, composto dos cidadãos: dr. Justo Leite Chermont, capitão de fragata José Maria do Nascimento, tenente-coronel Bento Fernandes Junior."

Dos lados: "Estado Confederado do Pará" e "Estados Unidos do Brasil".

Em baixo, as armas do exercito, da armada e da justiça.

É uma mesa simples e sem adornos — uma pequena mesa de jacarandá, que passou, triumphalmente, á historia dos nossos grandes feitos, por ter tido a ventura de ser pisada pelo bravo patriota paraense...

DUAS SUGGESTIVAS ENTREVISTAS

No salão da residencia particular do governador paráense — Uma palestra com s. excia. — A vinda de Ford para a Amazonia — Ouvindo um notavel medico do Pará — O terrivel mal de São Lazaro.

Ao senador Correia Pinto

SERIAM 4 ½ da tarde, quando fui introduzido no salão principal da residencia particular do exmo. sr. dr. Dionysio Bentes, governador do Estado do Pará.

Entregára ao porteiro o meu cartão de visita e logo, gentilmente, s. exc. mandou-me ordem de entrar e esperá-lo.

Pela manhã, procurara-o no Palacio, á hora das audiencias, e, num gesto fidalgo, s. exc. pedira-me que o procurasse em seu palacete, onde ser-nos-ia mais facil palestrar.

O vasto salão, um mimo de elegancia e de arte, é mobilado com sobriedade.

Pelas paredes, telas primorosas.

No assoalho brilhante, tapetes preciosos.

Um piano rico descansa a um canto.

Do tecto pendem candelabros.

Duas janellas grandes abrem para fóra, para o largo da Trindade — um jardim mimoso, onde surge a silhueta de uma igreja.

O governador não se fez esperar.

Em poucos instantes, eu apertava a mão de s. exc., gentilissimo e attencioso.

Dionysio Ausier Bentes, medico illustrado, é ainda bem moço. Alto, distincto, elegante, phisionomia franca e sincera, jovial, s. exc. revela-se, desde o primeiro instante, um *gentleman* perfeito, de palestra facil e attrahente, captivante e gentil.

Em pouco, conversavamos sobre varios assumptos, principalmente sobre o Ceará, indagando s. exc., com interesse e com curiosidade, sobre tudo que se relacionava com a Terra de Iracema, desde os factos minimos, até os detalhes mais em evidencia. O governador do Pará é perfeito conhecedor da vida politica cearense e um estudioso dos homens e dos aspectos da natureza nordestina.

Em dado instante, veio á balha a exploração Ford no valle amazonico.

S. exc., sempre captivante, promptificou-se a dar-me todos os informes sobre a grande empresa e prometteu-me que, em outra tarde, me falaria, em *interview*, sobre o palpitante assumpto.

Discorreu com enthusiasmo sobre a necessidade do braço cearense para a consecução do extraordinario emprehendimento.

E quando lhe falei no perigo do impaludismo e em outras molestias endemicas do grande valle, o dr. Dionysio sorriu e disse-me:

— Isto já foi previsto. Aliás foi o primeiro problema á ser resolvido.

A empresa Ford saneará toda a zona a ser explorada e só depois terão, então, inicio os trabalhos de exploração.

— E somente a borracha será o producto a ser explorado ?

— Não. O milionario Ford quer cultivar todos os productos que o terreno offerecer, principalmente a borracha, saíndo uma parte della para o estranjeiro, em estado bruto, e a outra em artefactos para automoveis, desde o pneumatico.

— E quaes as bases assignadas com Ford ?

O governador Dionysio Bentes olhou sorridente.

— O meu jovem jornalista é deveras curioso.

Quer já antecipar a nossa entrevista que prometti para outro dia.

Entrava nesse instante o assistente militar do governador, a quem s. exc. nos apresentou, dando-lhe ordem para nos acompanhar em visita de automovel aos principaes estabelecimentos e pontos mais interessantes da cidade.

O inicio do nosso passeio ficou combinado para o dia seguinte.

Levantei-me, para saír, não sem antes agradecer a s. exc. a gentileza captivante do seu amavel acolhimento.

Já se fazia tarde.

Eram cinco e meia.

*

* *

Em uma das tardes doiradas desse lindo mês de maio, em Belem, fui ouvir, em sua residencia particular, em entrevista, ao illustrado e conceituado medico paraense, dr. Azevedo Ribeiro, que, com muita dedicação, faz estudos sobre o mal de Hansen.

Clinico deveras acatado, intellectual de renome, o dr. Azevedo, além do mais, é um cavalheiro de maneiras captivantes.

Dirige o conceituado discipulo de Hippocrates, com muito carinho e dedicação, o Leprozario de Tucunduba, um dos estabelecimentos mais notaveis da capital guajarina, fazendo parte ainda da directoria da Santa Casa de Misericordia.

Promptificou-se em breve a acceder ao meu pedido e, no luxuoso salão de visitas do seu palacete, principiámos a nossa palestra sobre o palpitante assumpto que vem, de ultimo, empolgando a medicina mundial — a lepra.

Procurarei resumir, em breves palavras, o que me disse o afamado medico paraense, em *interview* especial.

Phrase facil e elegante, o dr. Azevedo Ribeiro discorre com loquacidade e de maneira simples.

Eis o resumo da sua suggestiva e erudita palestra:

— Ha vinte annos atrás não conheciamos aqui as injecções de chaulmoogra, principiou a falar o distincto clinico.

Recordo-me de um collega ter avançado em uma conferencia que, no dia em que se injectasse a chaulmoogra, estaria resolvido o problema do tratamento da lepra.

Em 1914, tendo enviado para a clinica do Professor Usuna, na Allemanha, um doente com lepra incipiente, fiquei admirado ao vê-lo voltar, no fim de um anno, completamente curado.

Examinado o receituario verifiquei que o Professor Usuna empregara no tratamento injecções de chaulmoogra.

Iniciei, então, o tratamento em varios doentes com a formula do illustre leprologo e constatei em todos melhoras consideraveis.

Communiquei isso á nossa sociedade de medicina e cirurgia, tendo o prazer de verificar que varios collegas me secundaram na pratica dessa therapeutica.

Posteriormente soubemos que, já em 1912, se fazia esse tratamento no hospital de Lazaros de Manilha e, segundo affirma Mitsuda, ha cincoenta annos que no Japão se faz uso de injecções subcutaneas de oleo de chaulmoogra.

Agora, porém, o que está em fóco são as noticias que veem da Inglaterra, affirmando que o illustre Rodgers conseguiu uma nova injecção in-

tra venosa de hydrocarpato de sodio com o qual vem obtendo resultados surprehendentes.

Já desde 1916 Rodgers, juntamente com outros leprologos eminentes, vem empregando em injecções endovenosas os hydro-carpatos dos saes obtidos do acido hydrocarpico e extrahido do chaulmoogra, preferentemente dos frutos do hydrocarpus witiana.

Este medicamento, muito mais effectivo que os etheres de chaulmoogra, tinha o inconveniente de irritar as paredes das veias, limitando por isso o emprego, sobretudo nas mulheres e crianças.

Agora, porém, Rodgers, em artigo publicado na "The Lancet", de Londres, communica que o Welcome Chemical Research Laboratory conseguiu obter um novo hydrocarpato de sodio, que permitte a applicação nas veias sem irritação.

O "Alepol", como o denominaram no Laboratory, ao seu poder therapeutico e á facilidade da sua tolerancia pelos doentes, reune o da sua differença de preço, pois custa a vigesima parte dos bons etheres de chaulmoogra.

Parece, portanto, que a descoberta é importantissima, pois o coeficiente das curas é inacreditavel.

Oxalá seja o "Alepol" o *x* do problema que, resolvido, abrirá, a milhões de creaturas, novos horizontes.

A Santa Casa de Misericordia do Pará, no abençoado afan de beneficiar os seus lazaros, já fez

para a Inglaterra uma vultosa encommenda do extraordinario medicamento.

É mesmo seu pensamento alargar seu campo de acção, afim de beneficiar os lazaros do Pará que a ella recorrem.

Que Deus abençôe essa generosidade e permitta que se torne em realidade feliz essa aurora de esperanças.

A nossa palestra ia já longa. A tarde, a linda tarde doirada, descambara docemente. Na cidade, accenderam-se, de repente, num só jacto, todos os fócos electricos.

Levantei-me para sair. O dr. Azevedo Ribeiro, num gesto gentil, acompanhou-me até o topo da escadaria, onde lhe agradeci a sua gentileza em deixar-se entrevistar.

Os cumprimentos reciprocos e eis-me em rumo do hotel, após uma hora de erudita conversação sobre o terrivel e horripilante mal de São Lazaro.

CATHEDRAL DE BELEM

(Desenho de Levino Fánzeres)

INSTANTANEOS BELEMENSES

A Cathedral! — 350 annos! — O assahy — Chuvas torrenciaes — Longe da terra natal...

Ao dr. Alvaro Adolpho

A CATHEDRAL!

Deante dos meus olhos surgiu um largo e, ao fundo, como uma nodoa negra, comido pela patina do tempo, o frontespicio de um templo.

As paredes da sua fachada eram escuras, mordidas pela velhice, enrugadas, anciãs e respeitaveis.

— 350 annos, disse-me, sem pestanejar, o velho sacristão.

Sorri, espantado.

— É verdade, insistiu, tem 350 annos de idade a nossa Cathedral.

Entrei a larga porta.

Dentro, a impressão, deslumbrante, verdadeiramente imponente.

É uma visão de admirar.

Pelas paredes e no tecto, paineis e só paineis, vivos, claros, largos de luz, ainda frescos, dando a impressão de terem sido pintados ha poucos annos... Todo um deslumbramento da grandiosa arte catholica.

O pincel de De Angelis executou todos esses quadros encantadores.

A gente fica horas a fio a contemplar a belleza daquelles trabalhos, cada qual o mais lindo e o mais perfeito.

O que ha de mais admiravel nas telas do pintor italiano é a frescura das tintas e o colorido vivaz e inatacado pelo tempo.

O altar-mór, um primor, todo de marmore fino e alabastrino, bem como as paredes e o chão.

O marmore é abundante, de uma abundancia sobria, de uma variedade que não cansa a vista.

Do altar-mór, olhando-se para a porta principal, a visão parece mais imponente e mais impressionante.

No silencio da nave, na luz coada discretamente pelos vitraes, na uncção do ambiente sonoro de écos, havia como que um leve respirar torturado de velhice.

O ambiente todo era um pulsar já descompassado de coração gasto, de arterias lassas, tremulo já de tantas emoções, as emoções todas longas e fortes de uma vida infindavel de três seculos e meio!

Eu notei em tudo um cansaço de viver!

Aquellas paredes, aquellas columnas, aquelles capiteis, aquelles fustes, aquellas cornijas, aquelles marmores, aquelles paineis, tudo parecia desejar a paz de um descanso eterno, longe dos olhares, longe da curiosidade humana, calmamente, nalgum

recanto longinquo, após um existir longo de trezentos e cincoenta annos de vida...

*

* *

O assahy !

Quem o bebe, mesmo uma só vez, não torna, nunca mais, á terra do seu berço, fica preso á Amazonia !

Eis o que diz a alusão popular .

O assahy é a fruta predilecta de quem habita as regiões do extremo norte.

Ha fervorosos apreciadores do original vinho.

É a sua arvore uma especie de palmeira, muito alta, muito esguia, tendo, a enfeitar-lhe a copa, raras folhas esgalgas e espalmadas.

É uma palmeira perfeita.

No alto, junto ás folhas, estão as frutas. Pequeninas, redondinhas, rôxas, duras como pedra. Pouco maiores do que um mucury.

São ellas apanhadas e postas dentro dagua, afim de amollecer, horas a fio.

Em seguida, em alguidares, sobre uma peneira, são amassadas e misturadas com agua.

Aquella massa rôxa produz, então, o vinho deliciosissimo, acham alguns, de sabor abominavel, opinam outros.

É uma bebida quente, que contem muitas materias alimenticias, de facil digestão, ferruginosa levemente.

Quem lhe toma um copo, é capaz de passar um dia todo sem se alimentar de outra coisa.

Pelas ruas, á noite, encontram-se, aqui e ali, pequeninas lanternas rubras a brilharem em frente de certas casas. De dia, são bandeiras encarnadas que espanejam ao sol.

É onde vendem o succulento e apreciado vinho.

O tacacá, outro alimento deveras apreciado.

É feito da massa da mandioca, juntamente com tucupy (uma especie de molho), jambú e pimenta de cheiro. É comido com camarão.

Pelas ruas encontra-se em abundancia, vendido pelas esquinas e comido com verdadeiro prazer pela população pobre.

O cupu-assú, o bacury, o uxy, o umary, são frutos deveras deliciosos e muito apreciados, principalmente em sorvetes e refrescos. O bacury, o mais delicado delles — manjar de anjos, dir-se-ia, ao saboreá-lo, uma injestão de flores.

O abacaba é uma especie de assahy, sendo branco, porém, muito menos apreciado.

É preparado da mesma maneira que a sua congenere.

O assahy e o tacacá são os alimentos misteriosos, que o sortilegio popular cerca de verdadeiras lendas, de verdadeiras historias inverosimeis.

Veio ao Pará
Parou.

Tomou assahy
Ficou.

E esta outra:

Quem toma o tacacá
Ou bebe o assahy
Si não fôr de cá
Não sáe mais daqui.

Eis o que diz, num conselho amigo, a popular quadra paraense...

*
* *

Lá fóra, chove, torrencialmente, emquanto escrevo.

A chuva tamborila alegremente nos telhados a sua canção das bátegas.

As ruas são um alagado que escorre, coxias em fóra, lavando os parallelepipedos e ensopando as calçadas.

As chuvas no extremo-norte são quase constantes, nesta epoca de pleno inverno.

Quando menos se espera, fecha-se o tempo e nuvens pesadas e negras se transformam em lagrimas que descem dos céos.

O mais interessante é a precisão exacta da hora em que se desencadeiam as cataractas celestes.

Si hoje chove ás 3 horas, amanhã, invariavel-

mente e impreterivelmente, teremos uma chuvada a alagar a cidade ás 3 ½, de maneira infalivel. Essa pontualidade, outróra, dir-se-ia isochrona, fatal.

Diga-se, de passagem, que esse facto falha muita vez, mas quase sempre temos a coincidencia dessa observação.

Ha quem se queixe das chuvas que desabam, imprevistamente, de repente, quando, descuidados, estamos em plena rua.

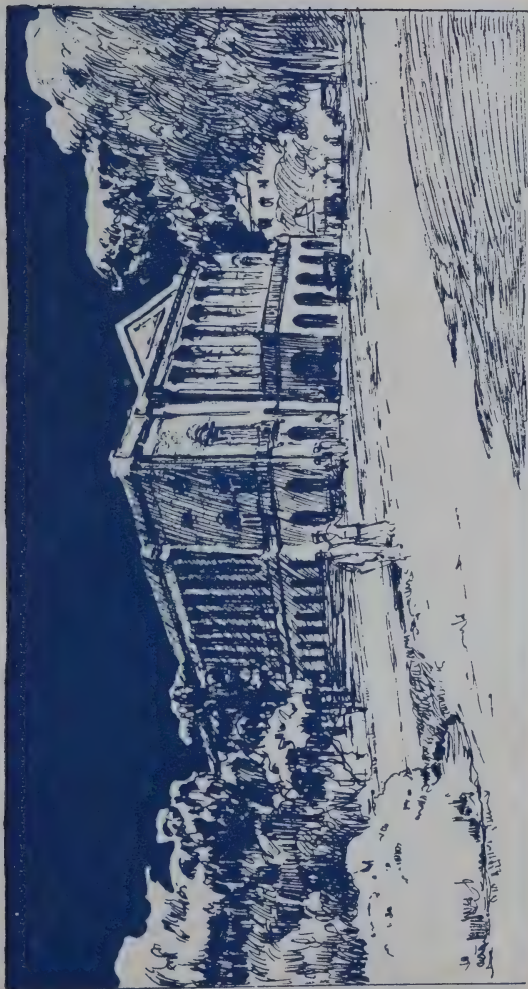
Mas sempre é preferivel a chuva ao calor insuportavel que asfixia tudo, quando a agua do alto não lava a *urbs* immensa, sob o ribombar de immensa trovoada.

Estamos mais pela chuva que enlameia as vias do que pelo calor que aperreia e martiriza a população, fazendo-a correr ás pijamas ou aos "chopps" no "Manduca", o popular Café Manduca, do Pará, ou aos sorvetes na "terrasse" do sumptuoso Grande-Hotel.

Quando desabam dos céos as lagrimas da chuva, fico scismarento, lembrando-me do Ceará.

Lá, na terra querida, o inverno é um phenomeno, emquanto aqui a agua é abundante e em demasia, a gastar-se inutilmente, desaparecendo pelas sargetas afóra.

Que contraste !

E quando sôa nos telhados a canção alegre das bátegas, eu sustenho, quanta vez !, as lagrimas que, irresistivelmente, me veem aos olhos, numa

THEATRO DA PAZ — BELEM DO PARÁ

(*Desenho de Levino Fánzeres*).

saudade infinda, indefinida, incomprehendida da terra longinqua, tão estorricada, tão comburida, tão heroica, no eterno desvario de uma natureza misteriosa e bizarra...

*

* *

Flanava eu, em certa tarde, pelo florido parque do Largo da Polvora, áquella hora quase deserto, quando, de subito, detrás de uma arvore, uma voz me surprehendeu:

— Seu dotô ! Seu dotô, por aqui ? !

Virei-me, surpreso.

E deante dos meus olhos, risonha e alegre, apareceu-me a cara franca de um cearense.

Era um vendedor de bilhetes de loteria, que conhecera, ha poucos meses, na Fortaleza.

Pequenino, quase corcunda, sorriso numa bocca desdentada, piscando os olhos, estava todo tremulo e muito pallido.

— Que é isto, que veio você fazer por aqui ?

— Ah ! seu moço ! Vim cavar a vida.

Ouvia sempre falar no Amazonas e pensei que isso fosse um céo de dinheiro.

Mas estou muito arrependido.

Fui até Manáos, em procura de trabalho.

Em poucos dias, apanhei sezões e estou, como o sr. vê, me acabando a toda hora.

Quero vêr si volto já e já.

As saudades me teem matado mais que o proprio impaludismo.

Não ha como o Ceará velho !

Acredite: tenho passado o que nunca imaginei.

Enfiado em seu terno "kaki", esfregando, entre as mãos, o "bonet" ensebado, vi-lhe uma lagrima luzir nos olhos e, commovido, indaguei-lhe:

— Por que chora ?

É a molestia que o faz nervoso ?

— Ah !, seu moço ! Muito peor. É a saudade da terra querida, dos meus que lá ficaram.

Sabe Deus, si voltarei.

Sem recursos, sem nada, doente, sozinho !

Dei-lhe uma moeda.

O pobrezinho tremia todo, da cabeça aos pés.

A molestia combalia-lhe o organismo debil.

— Hoje, tive um consolo immenso: vi alguem da minha terra, matei um pouco as saudades !

Coitadinho !

Gente forte a da minha terra querida ! Gente aventureira e audaz ! Abandonas o torrão bemdito e longe, em terras distantes, soffres, mais que tudo o mais, a nostalgia que te sangra o coração e que te mata o organismo.

Ceará feliz, que tens filhos que definham de saudade, longe dos teus céos claros, longe dos teus verdes mares bravios...

O LARGO DA POLVORA

A "Desolação" — Uma parada de elegancia — Paradoxo chocante — O violinista-cégo — O corcundinha-mendigo...

A Gustavo Barroso

— Está vendo aquella mulher passando ? A de chale ás costas, de andar tropego...

— Vejo.

— É a "Desolação". Foi uma das senhoras mais ricas e mais lindas de Belem, tendo brilhado nos salões da alta sociedade.

Hoje, como vê...

Era uma mulher já envelhecida, de rugas sensiveis, olhos mortiços, roupas modestas e pobres, andar cansado...

Cobriam-lhe a cabeça as cans denunciadoras do inverno da vida.

Ella passou, melancolicamente, a pisar incerto, com o seu chale já sem côr: a imagem viva da desolação...

— Mantem-se da caridade de uns raros parentes. Apesar disso, é infallivel na sessão do cinema, todas as noites...

Tem ingresso gratuito, por uma concessão da empresa.

Estavamos no popularissimo e elegante largo da Polvora, o "pivot" do grande movimento citadino belemense.

Fazia noite.

Os fócos electricos derramavam, em todas as direcções, a alegria da sua luz intensa.

Pelos espaçosos passeios, uma multidão heteroclita, movimentava-se, congestionando o transito.

Cortando os espaços, um vago "brouhaha" de vozes em borborinho.

A avalanche parecia crescer em cada instante que passava.

O Olimpia, o Eden, o Palace, com as suas fachadas brilhantes de luz, despejavam na rua os sons barulhentos dos seus "jazz-bands".

Iam começar as sessões cinematographicas. Nos "guichets" acotovelavam-se, um atrás do outro, os "habitués".

A "terrasse" do sumptuoso Grande Hotel é um jardim de elegancia feminina.

Ao redor das bancas, os grupos do "grand-monde".

Ha um vago perpassar de essencias caras, pelos ares.

Senhorinhas de vestidos ricos que trançam as pernas.

Cavalheiros de roupas "dernier-cri" que dizem, entre o fumo dos cigarros, insolencias "chics"...

Os garçons, atarefados, servem mal.

As bandejas passam atafulhadas de sorvetes, de guaranás, de "schopps", de xaropes...

No salão de refeições, a orchestra executa uma marcha somnolenta.

Ao ar livre, entre as bancas da "terrasse", a grande banda de musica do Corpo de Bombeiros dá um concerto.

Os sons afinados enchem os ares de uma espectaculosa opera.

As horas rapidas passam nessa "montra" de futilidades.

É a grande parada da "haute-gomme".

Os bondes e os autos transitam barulhentos, emquanto as palestras já rolam cansadas.

O "mare-magnum" vae engrossar mais agora.

Os cinemas estão despejando as primeiras levas de multidão.

E começa o perpassar incessante das damas de vestidos curtos e de decotes largos.

Em pouco não ha mais nenhuma banca desoccupada.

A "terrasse" regorgita.

É um espectaculo sempre novo.

O largo da Polvora tem desses imprevistos: é a um tempo aristocratico e popularissimo, num paradoxo exotico.

Roçando as senhoras e senhorinhas de ares ricos, passam creaturinhas modestas e sem graça.

Tropeçando com os cavalheiros de fatos moder-

nissimos, o "paletot" surrado de algum português de quitanda...

Ao lado das donzellas acompanhadas dos sisudos papás, as mundanas espalhafatosas e insolentes.

É o contraste chocante da vida!

No mesmo passo de uma senhora sumptuosamente vestida que descança no braço do gorducho marido, lá surge a "Desolação", que volta do cinema.

Passa entregue aos seus pensamentos, sentindo, talvez, o entrechoque daquella ironia: ella tambem já fôra rica e exhibira tambem "toilettes" primorosas.

Devia ter a alma atassalhada de um immenso infortunio, o infortunio de ter gozado o fausto da vida e hoje rolar, desconhecida e abandonada, no meio da multidão anonima que passa.

O seu coração chorará, a cada instante, lagrimas de sangue.

Pobre "Desolação"!

Eu descobri estampada em sua figura bizarra toda a ronda das futilidades mundanas: passageiras, fugaces, transitorias...

Os sons languidos de violino gemeram, de repente.

Uma valsa fóra da moda veio trazida pelo vento.

Virei-me e vi.

Era um pobre cégo, que, do seu instrumento, ti-

TRECHO DA RUA JOÃO ALFREDO — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fânzeres)

rava sons exoticos. Um mendigo a implorar a caridade publica.

As notas saíam em falso. Os sons eram desharmonicos e desarticulados. Um rebolo de musica. Distinguia-se, vagamente, uma valsa já muito velha e sem uso.

Os olhos do pobrezinho tinham scintillações, aos harpejos do arco deseducado.

Era a sua alma a vibrar aos sons excentricos daquella musica bizarra.

Ao depois, á ultima arcada, saiu um pequèno, de banca em banca, a recolher, num prato, as migalhas do publico caridoso.

Aquella nota de miseria, no meio daquella parada de aristocracia, trouxe-me a sombra de uma tristeza, tristeza vaga e sem côr...

Os dois lados desencontrados da existencia !

Pelos grupos continuaram as palestras e os "flirts", todos indifferentes ao chorar abemolado do violino do pobre pedinte que, coitadinho !, parecia descobrir harmonias inéditas nos sons do seu velho instrumento...

Uma risada casquinhou atrás de mim.

Era uma senhorinha de olhos languidos, que commentava alto a musica triste do cego-violinista.

*

* *

As bancas vão ficando desertas.

Quase onze horas nos relogios.

Começa a recolhida aos lares.

Na "terrasse" do Hotel da Paz já não se avista mais ninguem.

Os retardatarios recolhem-se, aos grupos.

Os cinemas, ha muito, fecharam os seus predios.

Belem elegante está quase toda agasalhada.

Terminou a sua noite de exhibições.

Os bondes de São Jeronymo, do Sousa, de Nazareth, de Baptista Campos já recolheram os seus habitantes endinheirados.

O City Club tem já as suas portas abertas, por onde sáem os sons de um infernal "jazz-band", ou o "crác-crác" da roleta rouquenha...

Vae começar a hora do vicio.

É a grande attracção do panno-verde, onde se abysmam, como numa derrocada, centenas de mil-réis...

O largo da Polvora é o grande panno de amostra de Belem.

Ali impera a pobreza e a riqueza, o luxo e a miseria, o vicio e a virtude...

Que grande kaleidoscopio!

Durante o dia é um deserto.

Apenas o cicio das mangueiras, ao beijar da brisa.

Á noite, a sua vida é de uma intensidade forte.

E, todos os dias, o mesmo espectaculo, invariavelmente, mixto de infortunio e de prazer...

— Seu doutô, uma esmolinha, por amor de Deus! Ainda não comi hoje!

Era uma vozinha mirrada.

Um pequenino pedinte.

O corcundinha do largo da Polvora.

Sentado a um canto de porta do Grande Hotel.

A sua figura parecia uma sombra naquelle humbral .

— Por que não vae para casa ? perguntei.

— Não ajuntei nada, hoje. Si voltar sem dinheiro, apanharei.

Dei-lhe uma moeda.

Elle, sorrindo, gemeu um agradecimento.

Do alto, coados docemente pelas mangueiras, os raios pallidos de um luar sem brilho.

Melancolicamente, ao longe, badalou um relogio.

Meia-noite !

UM HOSPITAL MODELAR

Em visita á Santa Casa de Misericordia, de Belém. — Higiene e conforto — Borboletas do céo — A sala de operações — A primeira casa de saude do norte.

Ao conego José Quinderé

O AUTO, de repente, parou a sua carreira.

Em nossa frente, um predio enorme.

Ali a Santa Casa de Misericordia, de Belem.

Descemos.

Procurámos entrar.

Uma freira amavel — irmã da ordem de Santa Anna — recebeu-nos, sorridente.

Dissemos a que iamos — desejavamos visitar o modelar hospital.

Uma campainha retiniu.

A superiora, em pouco, aparecia.

Atravessámos o portico da entrada.

Começámos a percorrer largos e espaçosos corredores.

Tudo impeccavel de asseio.

Vagamente, pelos ares, um cheiro quase imperceptivel de remedios lembrava-nos que corriamos uma casa de saude.

Salas enormes e vastas, cheias de camas.

Enfermeiros de avental branco, atarefados, com

vidros de remedios, com agulhas de injecção, com mechas de ingredientes — passavam.

Doentes, de caras tristes, com olhares compungidos.

As paredes muito alvas.

As janellas largas, por onde entravam ar e luz.

As camas enfileiradas, com os seus pannos de linho, brancos.

Medicos affaveis e attenciosos, por aqui e por ali, pelas enfermarias vastas, a auscultarem os enfermos, inquirindo-lhes as suas melhoras, carinhosamente.

Irmãs, em seus trajos negros, rapidas, leves, solicitas, pareciam anjos a perpassarem, silenciosas, pelos corredores, pousando cá, ao pé de uma cama, acolá, com a voz ameigada, a espalhar a sublime lição da caridade, num conselho amigo, numa palavra affavel e suave de consolo e de esperança.

Eram as borboletas do céo, pousando sobre as rosas da desventura...

E na alvura immaculada das paredes, os Christos crucificados tinham um olhar mais doce e mais terno para aquelles anjos da caridade que, ali, no hospital immenso, semeavam, a mãos cheias, o exemplo, sempre novo e sempre encantador, da bondade...

Iamos nesse doce enlevo, a alma transbordando na admiração daquellas borboletas divinas da caridade...

Tinhamos o espirito numa satisfacção, ao ver o

ÍGREJA DAS MERCÊS — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fânzeres)

quanto de bem traz á terra a doutrina maravilhosa de Jesus, que transforma creaturas leves e fraquinhas em verdadeiras heroinas, dispostas a enfrentar toda a serie de sacrificios, abandonando, quanta vez, os lares felizes, as vaidades e as louçanias embriagadoras do mundo...

De repente, uma voz chamando-me a uma apresentação:

— O dr. Ausier Bentes, medico do hospital.

— Muito prazer, doutor.

O illustrado clinico, digno irmão do governador Dionysio Bentes, promptificou-se logo a acompanhar-nos em nossa visita.

Amavel e distincto, fidalgamente, enfiado em seu avental de operações, palestrava, em pouco, attencioso, ministrando-nos todos os informes de que necessitavamos.

Percorremos, ininterruptamente, numerosos corredores que nos levavam a numerosas enfermarias — tudo irreprehensivel de asseio e de ordem.

Salas e salas enormes, vastas, claras, confortaveis.

Corredores e corredores, enormes, vastos, claros, confortaveis.

*

* *

Agora, a secção das mulheres, com as mesmas adaptações que as dos homens.

Adeante, o salão dos Raios X, tudo modernissimo, armado com todos os requisitos da sciencia actual.

Uma sala asseadissima, clara de luz, de construcção original — chamou-nos a attenção, além, ao fundo de um corredor.

— A sala das operações.

Aproximámo-nos curiosos.

Admiravelmente construida, é ella uma rotunda, toda envidraçada, tendo, além disso, uma cupula de vidro, por onde a luz solar entra suavemente.

Ao centro, o leito de ferro das operações.

A um canto, um armario de vidro com a ferramenta e os utensilios das intervenções cirurgicas.

As paredes, o chão, tudo é de azulejo branco.

Os vidros do tecto e dos lados teem a alvura de jaspe.

O ambiente é claro e suave de luz — immaculadamente branco.

Não parece uma sala de operações — nenhum cheiro de remedios.

Saímos.

Fóra, um vasto pateo, com um jardim alegre ao centro.

Passámos á secção dos pensionistas.

Numerosos quartos, um ao lado do outro, com todo asseio e todo conforto.

Ha-os, ali, para todos os gostos e exigencias.

Mais além, atravessando uma especie de passadiço — a Maternidade.

Pelo ar, presente-se um choramingar de crianças e ás portas surgem uns pimpolhos amimados por enfermeiras.

Ainda em construcção quando o visitámos — hoje já prompto — o pavilhão Bartholomeu Menezes, um nosocomio para crianças, perfeito e modelar.

Voltámos ao centro do enorme edificio.

E o dr. Ausier Bentes, sempre attencioso, disse-nos:

— Vou mostrar-lhe um bello salão, o salão da Directoria.

E, na verdade, adeante, um apartamento deveras sumptuoso, elegantissimo, ornado com apurado gosto.

Um salão rico, onde se reune a direcção da Santa Casa.

Saímos.

O dr. Ausier continuou a sua palestra viva e intelligente:

— A Santa Casa possue todas as acommodações para pensionistas, com quartos amplamente confortaveis.

As diarias variam para todos os preços, numa escala progressiva, conforme o desejo de cada um.

Os apartamentos teem todo o conforto, desde o guarda-casaca, até o telephone...

Continuámos a andar.

Na portaria, de novo.

Aproxima-se um empregado, com um livro em branco.

Querem que escreva as minhas impressões. Pégo da penna e no papel deixo estereotipado todo o meu insopitavel enthusiasmo pelo modelar hospital belemense.

Na rua, no automovel, em rumo da cidade, não me saía do espirito a impressão que me deixára a grande casa de saude do Pará — tudo perfeito e em ordem, graças á administração intelligente do governador Dionysio Bentes, que não poupa esforços por dotar Belem de estabelecimentos modelares e dignos de copiados.

Além da subvenção do Estado, a Santa Casa recebe ainda, com grande exito, os proventos de uma loteria estadual para a sua manutenção.

Os bilhetes são exgotados semanalmente e todos os premios são galardoados aos proprios paraenses, que, desta maneira, contribuem para uma grande obra social — a manutenção da Santa Casa, o primeiro estabelecimento, nesse genero, do norte do país.

Visitámos, minuciosamente, o grande hospital e a impressão que nos ficou, sem espirito de bajulação, é que a capital paraense está dotada de um estabelecimento que lhe honra os fóros, dadas a sua perfeita organização e admiravel administração.

A Santa Casa de Misericordia do Pará é, talvez,

a primeira Santa Casa de Misericordia do Brasil, foi esta a phrase que deixámos, ao despedirmo-nos do illustrado dr. Ausier Bentes, clinico do hospital, quando nos pediu a nossa impressão de jornalista .

O MATADOURO DE MAGUARY

Em rumo do Pinheiro — Val-de-cães — Plena floresta! — Um curro-modelo — Maguary, sob os raios do sol...

PARQUE PRUDENTE DE MORAES — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

Ao dr. Menezes Pimentel

O NOSSO automovel pinoteava, salpicando agua para todos os lados.

A estrada que atravessavamos estava quase toda alagada, devido ás ultimas chuvas torrenciaes que haviam caído.

Deixáramos Belem atrás, com o seu movimento citadino de autos e de bondes, com o seu movimento de pedestres, e embrenhávamos por essa estrada de rodagem, em meio de densa e luxuriante selva.

Lá distantes ficaram, ha um quarto de hora, as bellas mangueiras belemenses, alinhadas e simetricas, junto ao meio-fio das calçadas, as encantadoras mangueiras, civilizadas e elegantes, com o seu tronco branco de cal, e agora penetramos em plena floresta a dar-nos uma pallida idéa do que serão os bosques misteriosos da Amazonia.

Iamos ao Pinheiro, a elegante estação de vilegiatura da sociedade elegante da capital, e iamos ver, em Maguary, o modelar Matadouro de Belém.

Acompanhava-me o assistente militar do governador, e viajavamos em confortavel carro marcado com as armas do Estado do Pará.

Surgiram-nos á frente, em pouco, os estaleiros de *Val-de-cães,* onde se viam varios navios em concertos.

Pelos ares, mastros e chaminés, num amontoado desencontrado.

Adiante, uma villa operaria, com as suas casinhas arrumadas, ordenadamente.

De novo, começámos a percorrer pedaços colossaes de matto.

O panorama, soberbo e formidavel.

Plena floresta !

De um lado e do outro da estrada, arvores e só arvores.

Tudo verde, exuberantemente verde, de um verde carregado e forte.

O arvoredo subia para o alto numa apotheóse indescriptivel.

Tudo parecia arrumado por mão impeccavel.

Os troncos eram esguios e rectos, direitos e imperturbavelmente elegantes.

E tudo alto, tão alto, que parecia querer alcançar o firmamento.

E, de envolta com os troncos rectilineos, esgalgos uns, formidavelmente grossos outros — a selva densa e impenetravel, barbara e misteriosa, num semi-crepusculo insondavel e terrorizante.

E, no meio, quebrando a monotonia do verde, a

fita côr de barro da estrada alagada e, no alto, a fita azul-cinza do céo carregado de nuvens.

E inebriando o olfacto o odor quente e sadio de floresta, de matta virgem, odor forte que parece trazer saude, que parece transmittir vida e energia...

São raizes cheirosas, flores e folhas aromaticas, troncos rezinosos...

Da selva, com o cheiro odorifero das arvores, veem uns rumores misteriosos que intensificam a respeitosa uncção de que a gente se acha inebriada.

Pontes e pontes sobre igarapés.

Reptis que fogem, estrada afóra, correndo, á buzina do automovel.

Repentinamente, num cotovello brusco da estrada, surge uma choupana — unico signal humano em meio de toda essa exuberancia da natureza.

Uma choupana !

Um arremedo de casa ! Tosca e selvagem, arrimada sobre uns páos, coberta de palha: desconfortavel, desabrigada, um horror !

São as choupanas dos seringueiros !

Verdadeiras pontes aereas, para refugio na epoca das enchentes. E na porta (si aquillo é porta !) um homem de barba desgrenhada e, junto, a esposa e, no chão, o filhinho, barrigudo, a chorar.

Todos pallidos, de uma pallidez rude e morbida.

O carro continua a correr, pulando dentro de poças d'agua.

Raras choupanas miseraveis.

Raros vultos humanos.

Uma aragem fresca acaricia-nos o rosto.

A atmosphera tem um dulçor sadio.

Agora uma ponte sobre um igarapé, e a fugir em busca do mar o liquido, grosso e barrento, a rolar, por entre os troncos, cachoando cavernoso...

Já quase uma hora de viagem.

Além já surgem os tectos de casas.

E logo sem demora nos aparece Pinheiro, com os seus "chalets" de verão, onde vae buscar repouso o mundo aristocratico da *urbs*.

Os vilinos estão quase todos fechados.

Os seus habitantes favoritos já ha muito fugiram para a cidade, nessa epoca de invernada furiosa.

Pouco demorámos em Pinheiro, toda ensombrada de mangueiras.

Suas ruas e seus predios teem illuminação electrica.

É um recanto bem pictoresco, quieto e fresco, para um repouso de verão.

Já o nosso auto vae em busca de Maguary — um quarto de hora ainda, no maximo.

Ao longe, espelha um *furo* a fugir somnolento, com as suas aguas barrosas.

Um predio enorme, com um jardim na frente.

Vamos vêr o Matadouro Modelo.

É uma visita instructiva.

Um estabelecimento, moderno e higienico.

Em todo semelhante ao de Fortaleza, sendo, po-

rém, muito maior e mais amplo e com accommodações mais vastas.

O serviço é perfeito.

Chegámos á hora da matança: 150 bois estavam sendo mortos e esquartejados.

Tudo ali é aproveitado, com excepção do sangue.

Os carros passavam sobre os trilhos, carregados de carne sangrando.

Aqui cabeças decepadas, ali pernas deslocadas, acolá visceras a descoberto.

Espectaculo de sangue !

Adeante, a ponte por onde desembarcam os bois vindos de Marajó.

As vigilengas encostam ao cáes, e os animaes, sem trabalho e sem esforço, descem e já se encontram em pleno curral do matadouro.

O sol brilhava agora em toda a sua apotheóse, áquelle fim da tarde.

E os seus raios brilhantes reflectiam, vaidosos, nas aguas barrentas do Maguary, a escorrer, calmo e sereno, como uma fita longa e scintillante, bordando a terra recamada de arvoredo.

Ia pelo verde das plantas e pelo barroso do rio, uma poesia doce e suave, inebriante e leve, que mais dulcificava a paisagem e estabelecia um contraste forte com o espectaculo de sangue dentro do curro enorme.

Eu olhava a agua a correr e pensava em coisas leves.

No alto, pennas ruflavam.

Eram aves saudando aquelles raios tepidos de sol que irradiavam alegria e faziam tudo despertar da tristeza da chuva melancolica.

Ao longe, as velas de côres de varios barcos, boiando, tão docemente, tão calmamente, que mais augmentavam a dulçura do painel.

E, apenas, a quebrar a quietitude da tarde o rumor imperceptivel das aguas a rolarem e o *frou-frou* das asas, nos ares parados...

Espectaculo digno de um aquarelista eximio!

Fomos á casa do Director, um mimo de vivenda, um elegante e confortavel *bungalow*.

E lá, bebericando laranjadas e ouvindo communicações pelo radio, tivemos um resto de tarde francamente encantador...

O amavel sr. Miguel Martins, um "gentleman", tem o bom gosto de levar ao seu vilino todos os confortos modernos.

Captivante e gentil, o Director do Matadouro Maguary soube prender-nos até bem tarde.

Quando regressámos a Belem, já toda a cidade offuscava com os seus blócos electricos, enfeitiçando tudo e reverberando de mil partes, como luzes de oiro a tirar reflexos de variegadas *nuances* dos parallelepipedos da rua...

UM COLLECCIONADOR DE OBRAS D'ARTE

Palacete primoroso — Quadros de fino gosto — Ornamentação artistica — Livros preciosos — Commoção de pae.

Ao dr. Azevedo Ribeiro

O ACASO de uma entrevista levou-me a descobrir um dos palacetes mais primorosos de Belém.

O dr. Isidoro de Azevedo Ribeiro é um dos mais conceituados clinicos paraenses.

Nome vantajosamente conhecido nos circulos scientificos, o illustrado medico dedica-se, com acurada attenção, aos estudos do terrivel mal de Hansen, dirigindo, com muita proficiencia, o hospital de lazaros do Estado e o Asylo de Loucos.

Eu tinha ido visitá-lo em a sua residencia.

Fazia uma tarde borrascosa e, do céo, caía uma forte carga dagua que alagava tudo, tornando-se intransitavel a cidade.

Tomei pela avenida São Jeronymo e, em pouco, parava em frente ao numero 11-E, da travessa Dr. Moraes.

Um predio de estilo italiano, confortavel e de requintada distincção.

Fóra, numa placa, sobre a parede, o nome do illustre leprologo.

Transpús o gradil e, em breve, era recebido por s. s. que me veio ao encontro, sorridente e gentil.

Disse-lhe logo a que ia e, no correr da palestra cordial, comecei a observar, numa curiosidade incontida, a bella e encantadora ornamentação do palacete Azevedo Ribeiro.

E, já esquecido da finalidade da minha visita, comecei a inquirir o distincto medico, em quem descobri logo um colleccionador infatigavel de obras raras, acerca das telas que lhe ornamentavam a sala em que nos encontravamos.

S. s. sorriu de leve ás minhas primeiras perguntas.

Estavamos em seu gabinete de trabalhos.

Um salão vasto, todo encantador de quadros maravilhosos.

A sala abrigava tambem apparelhos electricos para tratamento de variadas molestias.

— Vou satisfazê-lo. Aqui, nesta galeria, a oleo, estão os membros principaes da nossa familia.

Na parede enfileiravam-se cerca de quinze quadros pequenos, com retratos de luz farta e nitida.

Ao outro lado, uma tela que logo chamava a attenção pelo motivo encantador.

Representava uma das sonatas de Beethoven.

O grande mestre, ao luar, compondo as suas peças maravilhosas.

É uma feliz composição do pintor paulista Oscar da Silva.

Logo em baixo, um quadro minusculo: a Virgem

do Perpetuo Soccorro, datado do seculo XIV, ainda nitido.

— Aqui um sabre de nobres japoneses.

Foi o Barão de Marajó quem o trouxe do Japão.

No cabo ainda se vê o numero de mortes praticadas com elle. Foram duas.

Era o costume: marcar com estes filetes a quantidade dos que morriam ao seu golpe.

Passámos ao outro salão.

Sobre as estantes de livros: São Pedro, uma imagem de madeira, de uma nitidez perfeita. Esculptura espanhola.

No santuario: um crucifixo de marfim, uma perfeição.

Reliquia da familia. Trazido por frei Caetano Brandão, bispo do Pará, quando veio de Portugal, em 1725.

Tem já passado por mãos de varios membros da familia esse precioso legado.

Neste ponto da nossa visita, apareceu-nos a exma. senhora dona Sirena Valente Ribeiro, dignissima consorte do dr. Azevedo Ribeiro, que nos acompanhou através das salas tão vistosamente preciosas.

A vasta sala de jantar é um primor de riqueza.

Sobre um movel, uma tela representando um gracioso rosto de donzella: trabalho do conde de Piojore, presidente da Sociedade de Pintura de Roma.

É o retrato a oleo de uma sua sobrinha.

Ao outro lado, uma aquarella que prende, desde longe, o olhar.

Representa um cardial a meditar, deante de um livro aberto.

É tal a expressão dos olhos e da phisionomia, que semelha com perfeição a realidade.

O rubro da sotaina, o variado das côres, tudo parece resaltar, com vida propria, nesse trabalho de Daine.

A um canto, um gobelim custoso.

Ao alto, um escudo com as armas da familia Tavora.

Em latim lê-se: "Fundit quas cumque aquas" (Venceste atravessando as aguas) e ao centro uma figura em alto relevo.

Entrámos na sala de visitas.

Um primor e uma riqueza.

Um mobiliario veneziano, todo lapidado com desenhos primorosos. A esculptura é maravilhosa.

O "puff" é feito de um só pedaço de madeira e representa uma aguia.

A cadeira de balanço é surprehendente. O rendilhado, caprichoso e paciente.

Á esquerda, um trabalho de Lamesi, pintor da rainha da Italia, representando o proprio retrato da exma. senhora Dr. Azevedo Ribeiro.

Ao centro do salão rico: a Virgem de Dulce, copia, uma tela de Piojore, de côres ainda bem vivas e quentes.

Jesus, Pedro e João é uma obra a oleo do seculo XVII, tendo fortes as côres claras.

— Temos uma obra curiosa que vae, de certo, chamar a attenção do meu jovem amigo.

E o dr. Azevedo mostrou-me uma tela simples, representando uma moça morta sobre um catre.

— Tem sua historia este quadro do pintor bahiano Rodrigues.

Estudava esse moço em Paris e apaixonou-se por uma donzella que é a propria que você vê pintada.

Antes de tornar ao Brasil, Rodrigues reproduz na tela o retrato da sua amada, fingindo-se de morta, a qual é esta.

Os annos passaram-se e a jovem parisiense, descrente da volta de Rodrigues, suicida-se, morrendo asfixiada em gás carbonico, fechada em seu quarto.

No dia seguinte, chegava a Paris o pintor Rodrigues.

Este quadro foi-me presenteado por um amigo daquelle artista bahiano.

— Aqui está o ultimo trabalho de Estrada, pintor espanhol. É uma paisagem, representando um igarapé.

Tenho mais telas: de Bruno Menotti, *Marinha*; de Vergilio Mauricio, *Paisagem*; de Calixto, *Paquetá*; de Angelo Guido, *Uma rua da Bahia*; de Antonio Parreiras, *Um trecho de Pernambuco*; de Lamesi, *Uma camponesa*, e muitas outras...

Este quadrinho que ahi vê, representando a basilica de N. S. do Carmo, em Olinda, foi-me presenteado pelo seu proprio autor, o pintor Roccatore, dias antes do seu suicidio tragico, quando soffria das faculdades mentaes.

Veja aqui este trabalho de Dimainta, "Moça", premiado em Roma.

Este burrico, aqui, é uma tela do principe servio Paleologo.

Entrámos na bibliotheca.

Varias estantes atulhadas de obras valiosas.

E o dr. Azevedo principiou a mostrar-me as obras mais preciosas: — Fabulas de 1819; Phaedra, tragedia de Racine, de Virgilio, de 1803; as aventuras de Telemaco, de 1854; as Georgias de Vergilio Marão, de 1849; Arria (tragedia) de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, de 1817; as obras de Milton, de 1819; Phedra, tragedia de Racine, de 1816.

— Eis aqui um livro todo escripto a mão.

Abrimo-lo.

Uma preciosidade.

A letra nitida e legivel.

Um volume grosso.

Lemos a capa: "A chave das sciencias e das bôas artes ou Logica, traducção em português por Guilherme Coelho Ferreira, para utilidade dos seus compatriotas a quem cordialmente a dedica. Primeira edição, 1785".

Outro trabalho precioso: A viagem de Patroni através das provincias do Brasil. Do Ceará ao Rio de Janeiro, através dos sertões. Edição de 1851.

O seu autor partiu de Belem para o Rio.

Na viagem por mar, a familia enjoou.

Por isso foi obrigado a desembarcar e a fazer a travessia até a Metropole, por terra, durante 365 dias !

E toda essa odisséa elle a descreve nesse pequenino volume.

É bem interessante a parte relativa ao Ceará.

— Veja este volume.

Aqui está a historia da nossa familia. Vem ahi toda a relação dos meus antepassados, escripta a mão.

É uma reliquia, porque tem passado de geração em geração e ha varias especies de letras.

Actualmente se encontra em minhas mãos.

Procuro descrever a vida dos contemporaneos da minha numerosa familia.

Já se fazia tarde.

Sobre a banca de trabalhos do dr. Azevedo Ribeiro, o retrato de um padre.

— Meu filho. É jesuita. Está actualmente na Belgica. É orador sacro. Deve vir para a sua terra, para o Ceará, onde vae servir em Baturité. Toda a minha familia é catholica.

Eu senti, nesse instante, em que me despedi do illustrado medico, uma emoção em suas palavras.

Era a lembrança querida do filho distante, a serviço de Deus.

Viera-lhe aos olhos o retrato do padre Guilherme de Azevedo Ribeiro, S. J.

ESTRADA DE FERRO DE BRAGANÇA

Uma excursão pela via-ferrea pará-ense — Os pequenos incidentes da travessia — Em Castanhal — Um almoço cordialissimo — Estrada de ferro... "cearense" !

Ao dr. Philinesio de Carvalho

UM APITAR estridente cavou o silencio dos espaços quietos e respondeu, ao longe, no eco distante.

A machina sacolejou-se, num esforço nervoso, e pôs-se em movimento.

Sobre os trilhos o pequenino comboio corria, em pouco, velozmente.

Eram a locomotiva arfante e dois carros de luxo: um restaurante e um "fumoir".

Na composição do trem se dera um facto interessante: os carros iam diante dos bois... a locomotiva fôra collocada atrás, afim de que o "fumoir" tivesse a dianteira.

E nesse carro acommodara-se toda a comitiva, composta de vinte pessôas, entre damas e cavalheiros, que gozavam a primeira impressão da estrada que se começara a percorrer.

Iamos a Castanhal, na via-ferrea de Bragança, do Estado do Pará.

Deixaramos, ha pouco, a estação de São Braz.

Nesse "especial" viajavam uma commissão de engenheiros em inspecção ás estradas de ferro do norte e varias senhoras e senhorinhas da alta sociedade belemense.

Em pouco, o nosso "expresso" deixava para trás o ensombrado bosque Rodrigues Alves, o pinturesco suburbio do Sousa, e, vertiginoso, começou a atravessar pedaços de florestas, de arvores gigantescas e enormes.

E o painel, apesar de repetido, era sempre cheio de inéditismo.

No "wagon" fez-se logo a intimidade.

A palestra cresceu em enthusiasmo.

Os commentarios vieram á balha.

As impressões se foram trocando, a cada passo.

Em breve, com um apito agudo, o comboio parava numa estação pequenina.

— Entroncamento !

Dahi se bifurcam varios ramaes: para o Pinheiro, para o Maguary...

Tomámos rumo para Bragança.

Em rapidos minutos, marchavamos, de novo, velozes, gozando o soprar da brisa leve e acariciante.

Modestas estaçõezinhas, minusculas e pobres, ficavam á beira do caminho.

O machinista tem a ansia da velocidade. Voamos, não corremos.

A estrada é perfeita e segura.

Além, surge, de repente, numa curva rapida, uma bandeira rubra, a tremular.

E logo, em breve, sob um telheiro, uma estação...

Parámos alguns minutos... e vamos, novamente, a correr, a correr...

Um grito corta o ar.

Alguem pula á corda de salvação.

Ha um momento de forte ansiedade, no carro.

O trem pára, quase instantaneamente.

Todos correm ás portinholas, numa curiosidade.

Nada de extraordinario. Apenas o chapéo de um dos passageiros que voou lá longe...

Commentarios leves, sorrisos francos... e o comboio, novamente, em marcha.

Já vae ficando, outra vez, monotona a viagem.

Já entrevejo, partindo das largas poltronas, uns bocejos indiscretos, um entrefechar de olhos, em somnolencia...

Ha já quem se esteja a enfadar.

Duas horas de viagem. São 10 horas nos relogios.

O sol, quase a pino, não se cansa de doirar o cimo da floresta, em ambos os lados da fita da estrada.

Na plataforma do carro, forma-se um grupo, a gesticular, a discutir, a bracejar...

Em breve, todos se agglomeram na estreita "terrasse".

Na nossa frente, a correr, desabaladamente, so-

bre o leito dos "rails", um cão que foge, medroso de ficar sob as rodas.

A machina apita fortemente.

Os passageiros procuram espantar o pobre animal que tem já a lingua á mostra, no cansaço da carreira.

Elle, inabalavelmente, não se afasta da paralella dos trilhos...

A locomotiva diminue a marcha.

O cachorro ganha a dianteira.

Numa curva desapparece, para surgir, imprevistamente, lá adeante, quase sob as rodas do nosso carro.

A scena é electrizante.

Apita a machina, gritam os excursionistas.

O espectaculo tem a duração de alguns segundos, tão longos como as horas.

As senhoras esboçam gestos nervosos.

Os cavalheiros "torcem", como num "ground" de "foot-ball".

Ha, na scena vertiginosa, algo de cinematographico que lembra filmes de aventuras...

E o cão, a trazer a alma á bocca, continua a voar, desabalado, em nossa frente, na imminencia do perigo, entre os dois cordões dos trilhos.

Numa estação modesta elle viu casas e, imprevistamente, fugiu do leito da estrada...

A pellicula teve, então, o seu desfecho banalissimo e não de tragedia, como todos pensavamos...

Foi uma decepção...

As perversidades da alma humana !

Quase onze horas, davamos entrada em Castanhal.

A visão é encantadora: uma alameda enorme de mangueiras, por onde passa o trem. Em seguida, a estação.

Desembarcámos.

Um rapido passeio pela cidade e uma visita ao grupo escolar.

Percorremos todo o edificio onde foi colhida bôa impressão.

As preceptoras recepcionaram, gentilmente, os excursionistas.

As alumnas cantaram hymnos patrioticos, enthusiasticamente.

E á saida, pedidas as impressões dos viajantes, fui eu encarregado, gentilmente, por todos, de transmittir, no livro de honra, em breves phrases, a opinião da comitiva. Em seguida todos deixaram as suas assignaturas.

Saimos.

O sol dardejava forte.

Procurámos agasalho no "wagon"-restaurante. E com o trem em marcha tivemos um opiparo e cordialissimo almoço.

Ao "dessert", brindes foram trocados, amistosos e humoristicos .

Novamente no "fumoir", foi iniciada uma hora literaria. Poesias, anedoctas, contos, historias de

caipira, versos futuristas, e uma serie enorme de casos desopilantes...

Ás 15 horas, estavamos no Entroncamento.

Chovia torrencialmente.

Demandámos Pinheiro e Maguary, cujo Matadouro Modelo foi visitado pelos excursionistas.

Á tardinha, regressavamos á estação de São Braz, após um dia agradabilissimo.

Em automoveis, tornámos ao hotel.

Por companheiro, no carro, tive um amavel cavalheiro, engenheiro da Estrada de Ferro de Bragança, com quem entabolei palestra, emquanto demandavamos a cidade.

— O sr. é jornalista?

— Sim, dr.

— Cearense?

— Da gemma!

— Então, tem uma particularidade para o sr. essa estrada que acabamos de percorrer...

— Qual? disse, curioso.

— É ella chamada estrada de ferro... "cearense"!

— Cearense, por que?

— Quase todos os seus operarios e principaes funccionarios são filhos da sua bella terra! Dahi a chamarmos via-ferrea... "cearense".

Ri, alegre.

O meu interlocutor accendeu um cigarro e apontando, num gesto de braço:

ASPECTO PAISAGISTICO DOS ARREDORES DE BELEM DO PARÁ

(Desenho de Levino Fánzeres)

— Está vendo aquelle "boulevard" largo, lá adeante ?

Olhei e vi.

— Estou vendo.

— Pois bem; chama-se: Avenida Ceará. Ali todos os moradores são cearenses.

Realmente, além, se estendia um arruado de casas, infindavel.

Uma especie de villa operaria.

E, emocionado, me pareceu descobrir, ao longe, em algumas janellas, algumas caras que me eram conhecidas e que eu já vira nalguma parte.

Puro engano !

Os rostos cearenses são algo parecidos. Teem a franqueza, a sinceridade e a alegria a brotarem dos olhos e dos labios, numa acolhida de hospitalidade e de irresistivel bom-humor.

O meu companheiro sorriu, de leve, ao meu enthusiasmo e fez:

— Gente bôa ! Gente simples ! Gente sincera !

O cearense é o genuino tipo do brasileiro, verdadeiramente brasileiro !

ENTRE 280 LOUCOS !

Um convite gentil — Percorrendo o hospicio de Belém — As historias tristes de varios doentes — A "macaquinha" — A desgraça infinita de ser louco !

Ao dr. Luis de Moraes Correia

— AINDA não visitou o Hospicio de Alienados, de Belem ?

— Já tive um amavel convite do seu illustrado director, dr. Azevedo Ribeiro.

Não me foi dado, porém, ainda, um ensejo de ir vê-lo.

— Li a sua chronica em que pinta fielmente a nossa Santa Casa.

Deve tambem percorrer o Hospicio e escrever as suas impressões.

Ha assumpto sensacional para uma descripção algo emocionante.

Este rapido dialogo, com aquella gentilissima senhorinha, da alta sociedade belemense, naquelle rebrilhante salão de clube, numa noite de sarau — despertou-me a curiosidade de emprehender uma visita á casa de loucos, do Pará.

E ella, gentilmente:

— Si quiser, posso acompanhá-lo. Conheço a irmã Maria, que lhe ministrará todos os informes.

Acceitei, de bom grado, o captivante convite e, na tarde seguinte, num desses barulhentos bondes da linha do Sousa, demandei o Marco da Legua, onde se encontra localizado o Hospicio de Belem.

Na portaria do enorme edificio, já encontrei, á minha espera, a delicada figura feminina de senhorinha.

— Exacto como um britannico, disse, entre ironica e zombeteira, a sorrir.

Saquei do relogio.

Passavam quinze minutos da hora aprazada.

— A culpa foi do "tramway" da "Pará-Electric", respondi, a desculpar-me.

Estavamos num largo salão.

Mobiliario simples.

Pelas paredes, quadros.

Ao alto, uma cupula atrevida, tendo, ao centro, um rectangulo de vidro, por onde se escoava uma restea de luz, que alegrava a sala.

Pequenina e sorridente, enfiada em seu habito negro, de Santa Anna, appareceu-nos a Superiora.

— Desejavamos vêr a irmã Maria.

— Pois não.

Passaram-se instantes breves.

Uma porta movimentou-se, e, tambem sorridente, surgiu-nos a irmã que procuravamos.

Uma apresentação e os cumprimentos de praxe.

Deixámos o parlatorio.

Atravessámos uma porta.

Em nossa frente, um corredor.

Acompanhavam-nos, sempre sorridentes, a irmã Superiora e a irmã Maria.

— Aqui, a secção electro-therapica.

Entrámos.

Dentro, um arsenal.

Apparelhos diversos, fios electricos, lampadas polychromas.

Ao centro, o admiravel invento de Arzonval.

Chuveiros electricos para banhos calmantes e restauradores.

Pilhas e correntes electricas, para todos os lados.

A um canto, uma especie de movel complicado: o apparelho para banhos de luz.

No lado esquerdo, outra machina electrica para banhos tonicos.

Na sala vizinha, a pharmacia, pequenina e modesta.

Ao fundo, o corredor bifurca-se, deante de um jardim verde.

De um lado, a secção Kraepelin, para homens, e, do outro, a secção Juliano Moreira, para mulheres .

Enfiámo-nos pela primeira.

Uma porta de ferro que um guarda abriu.

Um corredor todo gradeado.

No meio, fóra, a alegria de um jardim.

Tudo asseadissimo e em ordem.

O pavimento de mosaico multicor.

Espalhados, cá e lá, em plena liberdade, os loucos, cada um na faina de sua mania, a gesticularem

cretinamente, a sorrirem alvarmente, a falarem beociamente...

É a adopção do scientifico sistema "Open-door", tão preconizado, actualmente, nos principaes centros mundiaes.

A cura deve ser feita dando relativa liberdade aos doentes.

O salão de refeitorio é simples. Mesas e bancos. Na parede alva, um crucifixo.

Anda pelo ar um rumor confuso de vozes, de gargalhadas, que cessa á nossa chegada.

Todos nos olham, com curiosidade e com espanto.

Um garotito, pallido, de rosto desconforme, aproxima-se.

Fala, com difficuldade, um idioma que mal se percebe.

Caretêa e faz tregeitos nervosos.

Repete palavras desconnexas.

A um canto, um moço bem parecido, vestido numa pijama.

A irmã explicou:

— É um gaúcho. Tem uma loucura toda estranha. No Rio de Janeiro, foi preso e mandado pela familia para cá. Tentou penetrar no Palacio das Aguias, onde ia solicitar em casamento a filha do presidente da Republica...

Em seguida, vêm os quartos dos pensionistas. Os compartimentos são perfeitos, claros de luz e de asseio. Mesa, cama, cadeiras de vime...

IGREJA DO CARMO — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

Varios dementes: uns lendo, outros falando, outros pensando...

Ha um que tem a mania do telegrapho.

Está, continuamente, a transmittir e a receber despachos, a bater com os pés no chão.

Quando lhe perguntam alguma coisa, responde que recebeu telegramma annunciando tal e tal noticia.

Outro se diz protagonista de um romance, de que é heroina uma freira.

E passa momentos contando uma serie inconcebivel de aventuras romanticas, cada qual a mais incrivel e a mais desparatada. É um demente precoce.

A irmã aponta outros diversos: um advogado, o filho de um capitalista...

Esse ultimo, morava em casa com a familia e, em certa noite, fugiu para a rua.

Encontrou um policia e pediu-lhe que o levasse para o hospicio, porque queria gritar, gritar muito...

E assim, por sua livre e espontanea vontade, foi ter a essa casa de maniacos.

Voltámos ao centro do edificio e procurámos visitar a secção das mulheres.

A installação, a mesma.

Largos corredores, gradeados.

Aqui, o rumor é muito mais forte.

O gargalhar é estentorico, o falatorio é infernal.

Ha uma voz esganiçada que canta, esgueladamente, uma modinha triste.

Estão quase todas as doentes no pateo.

Ha um revolucionar constante.

É uma lata que estridúla no ar uma pancadaria secca.

É uma demente que dança, descompassadamente.

São outras que dão carreiras para aqui e para ali, sem rumo certo.

E, pelo meio das pobres infelizes, passam e repassam as enfermeiras, solicitas e pacientes, a terem, deante de si, quotidianamente, assumpto para quantas novellas tragicas...

Na sala das refeições, diversas fazem rodas e... palestram.

A irmã Maria, sempre attenciosa e delicada, levou-me a vêr um tipo estranho e bizarro.

— A macaquinha !

Surgiu-me uma degenerada microcephala, criança de 7 annos, a tregeitar.

Não fica socegada um só instante.

A cabeça é do tamanho de um côco pequeno. A face totalmente desconnexa. Não tem testa. Os olhos sem brilho. A bocca, um rictus. O nariz minusculo. Vestia um sunga.

Balançava-se ruidosamente numa rede.

Quando solta, veio, directamente, aos nossos pés, a alisar os sapatos e a procurar tirá-los.

Acha uma graça immensa num par de calçados...

Tem o tipo perfeito de um macaco.

Apanha os objectos semelhantemente a um simio. É filha, com certeza, de um casal syphilitico ou de alcoolatras; a mãe é cearense e o pae, alagoano.

Estava sendo explorada, em exposição ao publico, mediante entrada paga, quando a policia tomou conta della, infeliz e pobre-coitada, producto de um casal degenerado.

Continuamos a nossa visita áquelle museu de monstros humanos, onde, como num kaleidoscopio estranho, os psychiatras teem um vasto campo para observações de toda uma serie bizarrissima de casos, cada qual o mais monstruoso e o mais horrendo.

É um quadro sempre contristador e que nos empolga a alma a visita á casa dos dementes, desses infelizes desgraçados, victimas de um destino vario: exocephalos, brachicephalos accentuados, macromelicos assimetricos, e toda a infindavel serie de degenerescencias...

Como uma nota de consolo e de infinita misericordia, adiante, em pleno estabelecimento, a dolçura de uma capella silenciosa: um primoroso recanto de paz e de felicidade, em meio daquelle triste asilo de infelizes e de miseraveis.

No altar-mór, um Coração de Jesus, de uma meiguice de olhar sublimemente encantadora.

Pelas paredes, placas de marmore com phrases de reconhecimento de alguma graça.

É ali, naquelle ambito de luz consoladora, que

aquellas doze irmãs de Santa Anna vão buscar as energias fortes para o arduo mister do seu arduo ministerio.

Saimos.

Fóra, de novo, o mesmo espectaculo de toda uma humanidade soffredora: 280 dementes! 175 mulheres! 105 homens!...

Capacidade para 300!

Adeante o hydrotherapico, onde é vedada a entrada.

Ha banhos correntes de 2 a 12 horas. Os tanques estão continuamente occupados.

De novo, no parlatorio.

Para trás, ficou o murmurio surdo e doloroso dos que soffrem a falta de razão.

As portas de ferro cerraram-se á nossa saida.

Tinhamos já a alma cansada de tantas sensações empolgantes.

Ali, os infelizes coitados procuram recuperar a saude do corpo.

Quase á saida, quando falei áquellas heroicas irmãs da sua admiravel missão, senti-lhe nos olhos umas lagrimas doces e compungidas pelos soffrimentos dos coitadinhos, dos seus 280 coitadinhos!, que, ali, no casarão enorme, no retiro longinquo do Marco da Legua, são enclausurados pela desgraça formidavel e angustiada de terem nascido infinitamente desgraçados...

Fóra, a chlorophila cantante de um jardim alegre espalhava a delicia inebriante de viver...

Sob a arcada de um céo, colossalmente azul, os ultimos raios do sol doiravam a terra, num crepusculo suavissimo de mil côres...

DOIS MAGNIFICOS INSTITUTOS

Um esplendido estabelecimento feminino. — Visitando o "Gentil Bittencourt" — A impressão de uma escola profissional — No "Lauro Sodré" — Combatamos a "bacharelice".

Ao dr. Barão de Studart

ENORME edificio de bella fachada jonica.

Em frente, o jardim pintalgado, aqui e lá, de mimosas flores.

Ao centro, um monumento em marmore branco.

— O Instituto Gentil Bittencourt, a melhor casa para educação feminina, de Belem, — apontou-me um transeunte.

Transpús o majestoso gradil.

Atravesei uma alamêda.

O monumento simboliza a "Caridade e a Educação".

É um grupo de quatro figuras, tudo aberto em marmore.

Uma formosa mulher mostra a uma pobre criança do povo a séde do Instituto.

Sobre os degráos da estatua, onde se vêem flores esparsas, duas meninas com as vestes do uniforme do "Gentil Bittencourt", risonhas e radiantes, carregam uma corôa de louros que offerecem á "Instrucção Publica", como tributo de gratidão.

Comecei a subir uma escadaria branca, de marmore.

Toquei um botão.

Um timpano soou, claro, ecoando lá dentro do palacete.

Appareceu-me uma freira da ordem de Sant'Anna.

Esperei a Superiora, numa linda sala de visitas, de sobria decoração.

Amavel, fidalga de gestos, ao mesmo tempo que modesta e simples — a irmã directora, que me cumulou de gentilezas.

Em pouco, percorria o amplo e majestoso edificio.

Desde o primeiro instante, o que logo registrou a minha observação foram o asseio e a ordem impeccaveis em tudo. Parecia vêr escriptas, nas paredes, como uma legenda, as palavras: Asseio e Ordem.

Está dividido o predio em dois andares.

Bem ao meio do edificio, jardins enfeitiçam o olhar.

Os corredores enormes, todos arqueados, com as suas janellas largas, a espalharem ar e luz em abundancia, se seguem, interminavelmente, nos levando ás diversas dependencias: aulas, (salões amplamente vastos e espaçosos); salas de banhos, obedecendo aos mais rigorosos requisitos de higiene; os refeitorios enormes e claros; a pharmacia; o gabinete dentario; as enfermarias; os pavilhões

para recreio; a cozinha; a copa; a lavanderia; tudo emfim de que necessite uma casa de educação feminina.

No andar superior estão os dormitorios — uma lindeza.

Tudo immaculadamente côr-de-leite, cada cama branca com o seu mosquiteiro a scintillar de alvura.

Até lembra um simbolo — o recinto purissimo e virginal, onde vivem centenas de donzellas.

A capella — um primor.

As paredes e os forros receberam artistica pintura.

O altar-mór, de marmore de Carrara, fechado entre linhas gothicas, representa Jesus reunindo as crianças para instrui-las:

— "*Sinite parvulos venire ad me*".

O mobiliario é completo e todo elle obedece aos preceitos da moderna pedagogia.

O Instituto tem duas secções distinctas: a das pensionistas, rigorosamente modelada pelos melhores estabelecimentos europeus, salientando-se, de passagem, que só, em França, o "Lycée Montaigne" tem confortaveis installações iguaes; e a das pobres asiladas, em tudo quase semelhante á primeira, notando-se sempre a higiene, o asseio e a ordem, graças a uma orientação rigorosa e segura.

O modelar estabelecimento é mantido pelo Estado, que não poupa esforços no dotá-lo sempre

dos melhores e dos mais em voga preceitos de ordem material, para escolas dessa especie.

As educandas, em seus trajos caracteristicos do uniforme do Instituto, entretinham-se, afanosamente, em seus estudos e em seus trabalhos: aqui, uma officina de flores; ali, uma aula de costura; acolá, uma lição de desenho e pintura; mais além, uma professora explica um ponto de francês; num salão adiante, as agulhas se movem, tangidas por mãos habilidosas, sobre pannos, a bordarem; emfim, enchendo os ares, um piano sólta sons de um exercicio, batido por uma educanda principiante...

Ao voltar á portaria, cheio das melhores impressões do modelar educandario para moças, satisfeito por ter visto um estabelecimento que honra o Estado do Pará — fui colhido por uma pergunta da Superiora que me acompanhava:

— Então, a sua opinião?

— Resume-se no seguinte: oxalá que cada capital dos Estados possuisse um "Gentil Bittencourt".

Um estabelecimento como este dá uma idéa perfeita da esclarecida visão patriotica e adeantada civilização dos dirigentes de um Estado progressista.

*

* *

O Instituto Lauro Sodré está situado quase no final da linha de bondes do longinquo bairro do Sousa.

O seu edificio majestoso avulta, logo de longe, todo alvo, ostentando uma larga escadaria e, no alto do seu frontispicio, os brazões do Estado.

A impressão é, desde logo, francamente sympathica.

Tem-se, em primeira visão, a idéa, que não nos falha, de um estabelecimento, digno de copiado, para o ensino profissional.

Recebido fidalgamente pelo seu corpo director, comecei a minha visita, minuciosamente, percorrendo todo o vasto e magnifico instituto.

O salão de recepção é primoroso: todo feito de madeiras paraenses, desde o forro e assoalho, até o mobiliario rico, tudo confeccionado no proprio estabelecimento, pelos proprios alumnos.

As salas de aulas seguem-se umas ás outras.

Ali são ministradas lições do curso primario e do curso completo de desenho e musica instrumental.

Adeante, se vêem as officinas de aprendizagem.

São grandes apartamentos, onde os educandos aprendem os diversos officios para que demonstrem accentuada vocação: marcenaria, carpintaria, serraria, ferraria, sapataria, alfaiataria, encadernação e tipographia, tudo dotado de todos os mecanismos e ferramentas modernos de que necessitam para o aprendizado.

Foram-me mostrados diversos trabalhos feitos pelos alumnos e eu tive occasião de verificar o seu perfeito acabamento e solida confecção.

A sua officina de tipographia fornece todos os trabalhos do Estado.

Os alumnos que terminam o curso, e demonstram aptidões accentuadas para qualquer dos officios ministrados, são aproveitados para mestres.

No andar superior estão os amplos dormitorios, confortaveis e hygienicos.

No pateo, ao fundo do edificio, em um campo largo, fica a praça de esportes do Instituto, possuindo archibancadas para espectadores e um "field" amplo para diversos jogos, onde se podem divertir os educandos.

A matricula no "Lauro Sodré" é gratuita, desde que se prove ser pobre.

Ha cerca de 300 alumnos — vestidos em suas fardas — a labutarem nas modernas officinas, a se prepararem para o exercicio da sua profissão, amanhã, em qualquer parte, onde os levar o destino.

É um grande beneficio não só para o Estado que tira resultados materiaes do Instituto, como para os educandos que ali vão buscar a victoria de uma profissão que se lhes torna uma riqueza immensuravel para o resto da vida.

Segundo leio em dados que tenho á mão — ao Instituto, á excepção feita das três escolas municipaes de Paris, École Boule, École Diderot e École Estienne, que rivalizam com o "Lauro Sodré", nenhuma outra escola profissional pode-lhe ser igualada quer na Europa, quer na America.

Percorrendo-se-lhe as amplas officinas e as largas adaptações, onde se nota uma organização perfeita, ministrada por um corpo director de visão intelligente, tem-se uma impressão consoladora — parece que eu via, entre o ruidar das suas machinas, que estridulavam a canção do trabalho e da energia, o Brasil vigoroso de amanhã, naquella mocidade güapa que se adextrava para as lides do futuro, procurando uma profissão honesta e productiva.

A nossa patria precisa do ensino profissional, já o disse alguem.

Verdade incontestavel, que vem combater a mania insopitavel da "bacharelice"...

Espalhemos escolas profissionaes e teremos um Brasil maior e de victoria mais segura.

Apanhae um desse educandos do Instituto, hoje nas officinas de ferreiro, de sapateiro, de marceneiro, de carpinteiro, etc., labutando na aprendizagem, e procurae-o amanhã no grande "struggle-for-life" e o que vereis ?

O menino de hontem sendo, hoje, o homem-energia, que produz e que descobre sempre trabalho em qualquer parte.

E si tivesse seguido uma profissão liberal ?

Veriamos mais um bacharel, de anel ao dedo, a demandar eternamente um emprego "razoavel", onde se trabalhe pouco e se ganhe muito — a grande aspiração nacional !

OS MISTERIOS DAS SELVAS

Nas alamedas do Museu Gœldi — "Muyrakitã", a pedra da felicidade — O grasnar do murucututu — As lendas do yrapurú e do cauré — O trocano e uma maloca de indios.

Ao José Carvalho

O SR. conhece a "muyrakitã"?

Deante desta interpellação do illustre director do Museu Gœldi, onde eu fôra em busca de impressões — quedei sem resposta.

— Muyrakitã? perguntei, admirado.

Já ouvira falar vagamente sobre esse enfeite dos indios, mas não tinha uma idéa exacta a respeito.

E o amavel cavalheiro, que dirige com tanto carinho o Museu Paraense, desappareceu por uma porta e, em pouco, entregava-me uma pedra preciosa.

Demorei-me com ella entre as mãos a observá-la, curioso.

— É um amuleto usado pelos indios, que o traziam pendurado ao pescoço.

É a celebre "pedra verde", hoje rarissima.

O nosso museu possue este unico exemplar que o guarda sob sete chaves, tal o seu valor.

É a pura jade ou pedra nephritica e que foi en-

contrada pelos primeiros exploradores da Amazonia.

Diziam os indios que ellas procediam do "país das mulheres sem marido".

Eram talismãs que isentavam os selvicolas de toda praga ou mal.

Eram o symbolo da felicidade.

Alguns scientistas teem esta pedra como prova irrefutavel da origem asiatica dos primeiros habitantes do Novo Continente.

Tinha ella varias virtudes e sortilegios na cura e protecção contra muitos males...

Ainda agora, no alto Rio Branco, foi encontrada uma jazida de pedras que, pela semelhança quase exacta, lançou um pouco de duvida sobre a authenticidade da verdadeira "muyrakitã".

Os meios scientificos movimentaram-se.

Houve fortes divergencias.

Afinal se veio a saber com precisão que não se tratava da verdadeira pedra verde, da qual os indios fabricavam a "muyrakitã".

Seria o desencantamento da linda e encantadora lenda, disse-me, a sorrir, o amavel cavalheiro.

— Veja esta, como tem uma côr verdadeiramente bella..., observou-me o meu interlocutor.

Era uma pedra esverdeada, verde-malva, de uma rijeza formidavel, translucida, vendo-se-lhe entalhada a figura de um idolo.

Eu tinha entre as mãos a pedra da felicidade...

— Vamos vêr, agora, o murucututu.

Embarafustámos pelo jardim zoologico a dentro.

Arvores e só arvores de variadas especies e, aqui e ali, jaulas de animaes diversos e viveiros de passaros lindos.

Parámos em frente a uma gruta e entrámos-lhe o arco.

Dentro, na meia-penumbra, duas aves.

O primeiro instante é de espanto.

Os dois bichos, horrendos e asqueirosos, têm uns olhos enormes que nos perscrutam com curiosidade.

É um olhar investigador e minucioso, insaciavel e cheio de misterio.

— É a ave do agouro. É uma especie de coruja. Onde anda, leva a desgraça. Murucututu, assim se chama, porque é este, onomatopaicamente, o seu grito de morte.

Mu-ru-cu-tu-tu ! grasnaram, ao mesmo tempo, as duas aves nocturnas, num tom melancolico, a lembrar o "rasgar de mortalha" das corujas...

Aquelle gralhar tetrico e agoirento enchia de tristeza a pequena gruta.

Procurámos sair.

Fóra, numa apotheose de luz, o sol beijava os assahyzeiros, as latadas de guaraná, as sumaumeiras gigantescas, os tocarys majestosos, os cedros herculeos... emquanto garças lindas, num enorme viveiro, ensaiavam passos rithmicos e elegantes, ou vôos graciosos e farfalhantes !

Adiante, o passaredo em festa.

Numa jaula, macacos faziam acrobacias gaiatas...

Aves diversas e variadas, animaes desconhecidos: toda a fauna amazonica.

Numa sala, um aquario, com uma série enorme de peixes do rio-mar, rebrilhando aos fócos de luz electrica...

Numa miniatura de igarapé, asqueirosos e nojentos, dois jacarés dormitavam, olhos semi-cerrados, ao sol.

Cobras enormes, horripilantes, ora enrodilhadas, ora destendendo-se, preguiçosamente, indifferentes a tudo que as cercava...

Os passarinhos pipilavam em noivado.

— Não se encontra aqui o maviosissimo yrapurú ? indaguei.

Não. Não se encontrava.

O celebre "flautista da Amazonia" aparece raramente.

É o passaro dos passaros.

Quando trina o seu canto afinado e harmonioso, todo o resto da passarada fica queda e em silencio a escutá-lo, taes a belleza e o encantamento do seu gargantear.

É o principe do gorgeio que deslumbra os seus proprios rivaes.

— O sr. conhece a lenda do cauré ?

Eu desconhecia.

Os indios tinham esse passaro como a encarnação da felicidade.

Ha quem affirme que elle nunca existiu.

Não passa de mera lenda.

Outros dizem que não: o cauré é uma ave que aparece rarissimamente.

É o passaro da ventura e do bom agouro.

Tudo lhe cáe no bico e não ha mal que lhe penetre.

Os seus ninhos são vendidos, aos pedaços, no mercado e comprados a bom preço por pretas e mulatas, que os crêem portadores da felicidade.

Custa mil réis um minusculo pedaço.

O cauré é uma especie de gavião, de corpo e bico pretos, recoberto de pennas amarellas.

A femea tem o peito e o ventre avermelhados e uma colleira branca.

Como a muyrakitã, o cauré onde anda espalha a alegria da felicidade perfeita !

— Como são lindas todas essas lendas amazonicas ! affirmei ao final da narrativa do meu amavel guia.

Deixámos o jardim e penetrámos o museu: uma casa no meio das arvores.

— O Museu Gœldi ou Museu Paraense foi creado pelo presidente da ex-provincia, dr. Joaquim Pires Machado Portella, a 25 de março de 1871, e remodelado pelo illustre naturalista dr. Emilio Gœldi, de quem lhe tomou o nome, explicou-me o director do grandioso estabelecimento.

Logo á entrada, no corredor: uma ubá, que pertencera aos selvicolas.

Enorme, comprida, rasa, feita de casca de jutahy.

É a embarcação predilecta e unica dos indios.

Á direita, numa larga sala, toda uma exposição de utensilios, armas, objectos de uso dos selvagens da Amazonia.

— O Museu Gœldi realizou varias excavações archeologicas em 1895, no littoral da Guyanna Brasileira, entre o Oyapock e o Amazonas, onde se encontraram innumeras cavernas funerarias de indios, hoje extinctos, no Rio Cunany (Goanany).

Esses trabalhos foram feitos sob a direcção do illustrado scientista Emilio Augusto Gœldi.

Pelas prateleiras dos varios armarios espalhava-se um sem numero de objectos de ceramica interessantissimos.

Vasos de fórmas diversas. Urnas bizarras. Objectos excentricos. Mil e um variados utensilios e armas: pennas, tacapes, lanças, enfeites...

A um canto, um grosso e oco tóro de madeira: o trocano, com que os indios faziam os seus avisos a longas distancias.

Os sons eram produzidos com o auxilio de uma colossal vaqueta.

E longe ia o atrôo cavo e prolongado, em timbres differentes.

Era o possante tambor de guerra, de sons fortissimos que semelhavam o ribombar de um trovão, explicou-me o meu amavel e gentil "cicerone".

MUSEU GŒLDI — (AQUARIO) — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

É um tronco simples e grosso, com alguns varios buracos entalhados na madeira ôca.

— Veja esta miniatura de uma maloca !

Aproximei-me, curioso.

Sobre uma mesa, descansava um rancho de seringueiro ou uma maloca dos selvicolas — pequenina, trabalhada com arte, minuciosa, reproduzindo, em miniatura, todas as minudencias do natural.

Era pictoresca e graciosa.

A maloca dos indios ! Como era desprovida de conforto, como era desabrigada, como era acanhada !

E foi esse genero de habitação que os seringueiros copiaram para os seus ranchos.

Uma sala e um quarto sobre quatro páos e nada mais !

Era já tarde.

Eu passara uma manhã verdadeiramente instructiva, entre as longas alamedas do Museu Gœldi.

Acabava de percorrer, examinando minuciosamente tudo, as outras dependencias onde se viam passaros empalhados, pedras preciosas, troncos de madeira, guardados carinhosamente — quando me apercebi da hora avançada.

A gentileza captivante do director fez-me demorar mais algum tempo.

Pedia que me deixasse photographar, sob a fronde de uma daquellas herculeas arvores, como uma lembrança da minha visita.

E, quando ia a subir no bonde, em busca da

cidade, ainda levava a impressão do rasgar estridente e rouco da ave noctambula:

— Murucututu ! Murucututu !

Ao mesmo tempo, cortava os espaços, num contraste chocante, o gralhar alegre e caricioso das garças. . ,

VÊR-O-PESO

O recanto mais pictoresco de Belém — Um ancoradouro movimentadissimo — Flagrantes interessantes e bizarros — A alma do caboclo parárense — Chronica viva da rua.

Ao dr. Andrade Furtado

VÊR-O-PESO !

Ahi está uma expressão laconica e incisiva, perfeitamente inintelligivel quando a ouvi, pela primeira vez, na linda cidade de Belem.

Vêr-o-peso ! repeti, procurando decifrar o que significava.

Foi, horas depois, num desses magnificos bondes da "The Pará-Electric Railway and Lightning Company Ltd.", que, admiravelmente, faz o serviço de *tramways* na capital guajarina, que eu vim a saber a significação de tão popular expressão belemense.

A curiosidade aguçou-me fortemente.

Aquella phrase soava-me aos ouvidos com uma insistencia irritante.

A cada momento, em toda parte e por todo mundo, ouvia-a repetida.

Imaginei mil significações.

Dei tratos á bola para interpreta-la, de diversas maneiras.

Até que afinal alguem, naquelle vehiculo urbano, me explicou.

Vêr-o-peso é o nome de um ancoradouro, centro de todo o movimento citadino.

É a grande entrada da cidade.

É ali que Belem vae buscar o seu alimento predilecto: o peixe.

Numa ansiedade toda explicavel, fui ver o popularissimo ponto da capital.

E a impressão que colhi foi a mais pictoresca e interessante e inédita.

Está encravado no local mais transitado da urbe, por onde rodam todos os bondes.

Fica bem em frente ao Largo do Palacio.

Logo de longe, se avistam as velas dos barcos, num amontoado confuso, de variegadas côres, sacudindo-se umas por sobre as outras.

O numero de embarcações é incalculavel, é surprehendente.

Cada barco tem o panno da sua vela de uma côr differente.

É azul, é rôxo, é cinza, é café-com-leite, é chocolate, é verde, e, bem raro, branco .

Pelos ares, vae um murmurio surdo que se espalha nas circumvizinhanças.

O sussurro augmenta á proporção que a gente se aproxima.

É um grande e formidavel rio humano que se desloca e desagua pelas arterias que vão ter no concorrido trecho.

A algazarra é ensurdecedora, é babelica.

Gente de todas as categorias.

Gente limpa e gente suja.

O acotovelamento, enervante.

As vozes casquilham no ar uma musica forte, cansada, nervosa.

De dentro dos barcos sáem os peixes, salgados uns, conservados em gelo outros, trazidos pelos bravos pescadores, que os foram buscar lá longe, com dois dias de viagem, em pleno mar, e agora é que voltaram.

É um commerciar constante e rapido.

As offertas são vertiginosas.

— Custa 2$000.

— É muito caro.

— Não quer ? Melhor.

E os peixes rebrilham ao sol, com as suas escamas multicores.

É o camorim, é a pescada, é o camorupim, é o caranguejo, e a variedade estarrece e faz boquiaberta a gente.

Juntamente com os crustaceos veem os paneiros de farinha d'agua, arrumados, aos montes.

Frutas, frutas em abundancia, em pilhas enormes, colossaes, inacreditaveis, com as suas cores vivas, berrantes, num convite insistente á gulodice dos que se aproximam.

Ha, cortando os espaços, um infindavel dialogar entre os compradores e os vendedores.

Os peixes custam uma nonada.

As frutas vão dadas quase de graça.

E de permeio a essa balburdia enervante, passam trabalhadores conduzindo enormes barras de gelo para o bojo dos barcos.

São carregadores musculosos e dextros.

Outros, adiante, limpam as suas embarcações com a propria agua do ancoradouro — agua negra e emporcalhada.

As vigilengas são pequeninas, frageis, leves, mal alojando os homens da pescaria.

O heroico Josino Cardoso, que salvou da morte certa os aviadores argentinos, tem tambem as suas barcas ancorando em Vêr-o-peso.

E a sua "Jurunas", muitas vezes, veio ter naquelle porto.

O bravo caboclo paraense ainda exerce a sua profissão, pescando no alto-mar.

*
* *

O movmientar é infindavel, o dia inteiro.

São barcos que chegam.

São barcos que partem.

Em todos elles, tremúlando no mastro, uma pequenina bandeira brasileira.

Cada um delles tem um nome, um nome pomposo que aparece em garrafaes no topo da vela.

Quando não é um nome de santo, é um nome

CAES DO "VER-O-PESO" — BELEM DO PARÁ

(Croquis de Levino Fánzeres)

que signifique a bravura e o destemor dos intrepidos pescadores.

A entrada e a saída das embarcações é feita entre risadas e pilherias de galhofa.

Os intimoratos caboclos, ao sol, rebrilham, côr de bronze, enfiados em suas camisas de meia, braços á mostra, musculosos e transpirando saude, por todos os póros.

São elles, hercules risonhos e sorridentes, que parecem cantar a alegria de viver.

É bem raro encontrar-se um pescador do Vêr-o-peso com a cara enfarruscada ou macambuzio.

Tem continuamente o riso na flôr dos labios, quando não está gargalhando, entre pilherias.

Bem humorado sempre, traz o caboclo paraense, estereotipada no rosto, a sympathia que attráe e que bem impressiona.

Lutando pela vida, uma vida aperreada e suarenta, em busca do pão de cada dia, numa profissão ingrata e modesta, apesar disso é sempre optimista.

Não ha difficuldades que o vençam.

Em alto mar, combate contra os elementos, de modo destemeroso.

Com a sua phisionomia expressivamente intelligente, é deveras arguto e perspicaz.

Sabe quando o querem enganar e revolta-se.

Quando na pesca, conhece todas as matrerices dos peixes.

Conhece-as e sabe vencê-las tambem matreiramente.

É profundamente sentimental.

Ao fim das tardes, ou á luz prateada da lua, dedilha o pinho choroso e canta com emoção e com alma umas canções que aprendeu em pequeno.

Levada pela brisa, vae pelos ares a voz saudosa do pobre caboclo que, assentado ao barco, vaga ao sabor da correnteza.

É um cantar que parte do fundo d'alma, como uma queixa sentida de algum soffrimento incontido que lhe atassalha o coração sentimental de pescador, a desabafar talvez a ingratidão da sua bemamada, que ficou, lá longe, em uma choupana distante...

*

* *

E por que esta expressão "Vêr-o-peso" ?

Vem de longa data.

Ali se pesavam os peixes e era o peso mais certo da cidade.

E dahi, quando alguem queria saber com exactidão uma pesada, dirigir-se áquelle local.

Donde veio: ir ver o peso, ou, mais laconicamente, verificar o peso, ver o peso...

Vêr-o-peso é o recanto mais pictoresco de Belem.

É uma pagina viva e flagrante da vida popular da grande cidade.

É lá onde se vão colher as impressões mais bi-

zarras e interessantes, buscar o assumpto inesgotavel para a chronica, leve, falada, inédita...

Os dialogos que se apanham no ar, as phrases soltas, as chulices, a zombaria, os negocios, as compras, tudo é uma nota sempre nova e exotica para o commentario fugaz.

E de permeio a tudo isso, dominante e rude, o cheiro insuportavel de peixe, impregnando o ambiente todo, sujando o ar que se respira...

A AMAZONIA VAE RESURGIR VICTORIOSA !

A vinda de Henry Ford para o Brasil — Um contracto intelligentemente organizado — A visão de um chefe de Estado — As bases da concessão — Amazonia, celleiro do mundo !

Ao dr. José Carlos de Matos Peixoto

A AMAZONIA vae resurgir victoriosa!

Foi esta a phrase que me saiu dos labios ao ler, num enthusiasmo incontido, o contracto, assignado entre o governo paraense e o multimillionario norte-americano Henry Ford, para a exploração de certo trecho do valle amazonico.

Dionysio Ausier Bentes, o illustre governador do Estado do Pará, numa antevisão larga e intelligente, comprehendeu que a portentosa e soberba planicie amazonica, cheia de inestimaveis riquezas naturaes, só com a iniciativa de um argentario estranjeiro poderia produzir, assombrosamente, na altura das suas colossaes possibilidades.

E, apesar de combatido, o benemerito governador vae levando avante a sua formidavel idéa.

Entremostra-se, galharda, para a Amazonia, uma phase de verdadeira resurreição.

Haverá como que um novo desencantamento para a enorme região — que aparecerá, victoriosa, numa nova etapa de vida economica.

Eis o que leio em artigo publicado na imprensa:

A convite do dr. Dionysio Bentes, o sr. Henry Ford, chefe da "Ford Motor Co.", dos Estados Unidos, interessado na applicação em suas industrias da "hevea brasiliensis", enviou uma commissão que chegou ao Pará, em março de 1926, para estudar as possibilidades não só da gleba amazonica, mas de todo o Brasil industrial, financeiro e commercial.

Durante três meses, essa commissão visitou a zona amazonica, lhe tendo chamado a attenção a região do rio Tapajós.

Em seguida, foi enviada outra, composta de technicos emeritos em chimica, botanica e agricultura.

Esse grupo de estudiosos enfiou-se de matta virgem a dentro, andando, ás vezes a pé, centenas de milhas, estudando todos os terrenos.

Impressionaram-lhes as terras situadas na margem direita do rio Tapajós, entre os seus affluentes Cupary e Tapacurá.

Essa região é um alto "plateau" de 2 a 6 milhas distantes do rio, variando a sua altitude de cem a mil pés.

A natureza ahi tem um clima semitropical.

Numerosas são as planicies que se prestam para variadas culturas.

Dominam quase completamente as florestas virgens, que possuem madeiras valiosissimas.

ASPECTO DE BEIRA-RIO — ARREDORES DE BELEM DO PARÁ

(Desenho de Levino Fánzeres)

As que não servem para derrubadas fornecem productos como balata, gutta-percha, cacáo, castanha, plantas medicinaes, sementes oleaginosas...

As seringueiras mereceram a especial attenção dos especialistas.

Além dessas vantagens inestimaveis, accresce ainda a navegabilidade do rio Tapajós, que pode ser atravessado até por transatlanticos cerca de 200 milhas, ou seja até as terras em apreço.

Uma terceira leva de technicos chegou, ao depois, á Amazonia.

Tendo-se mostrado encantada com os terrenos estudados e pedido concessão dos mesmos, foram-lhe dados, em contracto, pelo governo paraense.

A concessão das terras comprehende 3.700.000 geiras (1.500.000 hectares) e fica situada a 150 milhas da cidade de Santarem, no rio Tapajós, entre o Cupary e o Itapacurá, onde se deverá desenvolver, em alta escala, o plantio da borracha.

Está provado que a seringueira no Alto Amazonas pode produzir dois annos mais cedo que em qualquer outra parte.

Demais, tratado scientificamente, como o pretende a empresa Ford, o seu "latex" triplicará e, desta maneira, baixará o custo da producção por acre.

A melhor seringueira amazonense, isto é, a que melhor producto fornece, é a chamada *Preta*, denominação que lhe valeu em virtude da côr-verde-escura da sua casca e das suas folhas.

Pois bem, a "Preta" produz três a quatro vezes mais leite que as demais.

Esse tipo não se encontra sinão no Alto-Purús, Acre e Madeira.

Existem mais de 500.000 sementes dessa qualidade lançadas nos terrenos da Companhia Ford.

Em menos, talvez, de dez annos podem ser plantados 80.000 acres nas propriedades do argentario norte-americano e alguns annos mais tarde a producção attingirá umas 18.000 toneladas.

Si metade da area do terreno fôr plantada, haverá uma producção annual de 375.000 toneladas de borracha, tendo como media 500 libras por acre.

Estes calculos são verdadeiramente surprehendentes e bem nos veem mostrar as altas possibilidades da formidavel empresa e o seu extraordinario "desideratum".

O braço a ser utilizado será, em seu total, somente de brasileiros, notadamente o cearense, vigoroso e sempre infatigavel desbravador da Amazonia, um dos unicos que supportam, imperterritamente, as agruras de uma natureza dispar e bizarrissima.

Mais uma vez haveremos de ver a figura indomita do sertanejo cearense lutando, infatigavelmente, contra as intemperies e os elementos.

O seu tipo bronzeo surgirá, cá e lá, pelas florestas virgens, no combate insano da luta-pela-vida!

Caboclo da minha terra!

Como eu me sinto orgulhoso e transformado de enthusiasmo quando ouço contar a tua odisséa, sempre e eternamente, em combate sem treguas contra um destino atroz !

No teu berço, és o martir das seccas e sempre victorioso; nas terras estranhas, és o mais forte, tu, Hercules-Quasimodo !, o descobridor das mattas dos rio-dos-rios !

Victoria de uma raça !

A nova companhia, que é chamada "Companhia Ford Industrial do Brasil", com séde em Belem, foi organizada em 10 de outubro de 1927, com o capital de 8.000:000$000, cerca de um milhão de dollares.

O capital é dividido em 8.000 acções de 1:000$ cada uma (cerca de 120 dollares).

São os seguintes os fins da rica empresa: plantar e negociar borracha; construir e explorar fabricas de beneficiamento de borracha; criar e explorar todos os meios de transporte por terra e agua; commerciar com todas as especies de productos e artigos, como pelles, couros, sementes, madeiras, generos alimenticios, etc.; fundar escolas e construir hospitaes.

A primeira directoria acclamada está composta dos seguintes accionistas: dr. Samuel Mac-Dowell, W. L. Reeves Blackeley, George H. Pckerell, Jorge Dumont Villares, Julião Ausier Bentes, Edward Lck Neate e Adolpho Ribeiro da Silva.

A empresa Ford deverá dar inicio aos seus trabalhos dentro em breve, principiando por uma campanha intensissima de saneamento em toda a região a ser explorada, de maneira que os seus operarios não fiquem sujeitos ás febres endemicas ou outras molestias.

Será este o primeiro ponto do programma da grande realização.

Em seguida, serão construidas villas operarias com todo o conforto possivel.

Os operarios serão vantajosamente remunerados.

Será lançada uma linha de hidro-aviões entre a Amazonia e a America.

Segundo a phrase do grande argentario norte-americano: a região a ser explorada excederá em producção da "hevea" a todas as demais do mundo reunidas cinco vezes.

A producção attingirá 300.000 kilos de borracha que correspondem a 857.142.000 de pneumaticos das fabricas Ford.

Além disso, a exploração de madeiras será feita em alta escala.

Como se vê, o plano formidavel da colossal empresa é, simplesmente, de surprehender.

Havemos de convir em que possuimos extraordinarias riquezas naturaes, mas nos tem faltado até hoje o capital necessario.

Eis que nos vem ao encontro o multimillionario Henry Ford.

Recebamo-lo de braços abertos.

A Amazonia vae aparecer victoriosa !

O Brasil vae surgir cumprindo o seu fado de glorias — o grande celeiro do mundo !

PAISAGENS DO ESTADO DO AMAZONAS

Ao exmo. sr. dr. Ephigenio de Salles, dignissimo Presidente do Estado do Amazonas, homenagem respeitosa do

AUTOR.

SUBINDO O AMAZONAS

A bordo do "Cuyabá" — Espectáculos maravilhosos de aguas e selvas — Crepusculos de oiro — A canção das aguas — Manáos, num esplendor de mil côres.

A Raimundo Moraes

DEZ HORAS da manhã.

Manhã luminosa, em que um sol de fogo começa a esbrasear a atmosphera.

No cáes do porto de Belém, ha uma balburdia nervosa.

O "Cuyabá", da *Amazon River*, vae zarpar em busca de Manáos.

Navio pequeno, porém confortavel. Não é minusculo como um "gaiola", nem enorme como os do "Lloyd". É um "vaticano".

Na 1ª classe, figuras bizarras de seringueiros ricos, *coroneis* de correntes de oiro á mostra e brilhantes a scintillarem nos dedos...

Mocinhas acanhadas e modestas.

Caixeiros viajantes gordalhudos e bem vestidos, a falarem, arrevezadamente.

Na 3ª classe, sacudidos uns sobre os outros, num amontoado confuso e indesejavel, uma leva de 150 "*brabos*", — heroicos cearenses que vão em busca de trabalho no Acre. A eterna sina inex-

oravel de uma raça de estoicos e fortes, em luta eterna contra uma natureza ingrata!

O "vaticano" já começa a desatracar.

Entre os que ficam e os que partem ha uma troca enternecida de saudações. São votos de boa travessia. São desejos de breve torna-viagem.

A bahia de Guajará é um lago sereno.

Para trás, o casario magestoso da cidade de Belém. Canos de fabricas, torres de igrejas, tectos de casas, cupolas de palacios, numa tela deslumbrante de belleza.

O navio corta as aguas, velozmente.

Gaivotas, aos bandos, esvoaçam, brejeiras, na trilha espumarenta do barco.

Da cidade se vislumbra, agora, um painel sem côr. Tudo se perdeu na cinza da distancia.

Praias longinquas. Ilhas e ilhotas que fluctuam á flôr das aguas. Margens floridas.

O pharol de Cutijuba surge, como um marco millenario e, ampla e vasta, immensa e enorme, a bahia de Marajó, muitas horas depois da partida do "Cuyabá".

Ao fundo, como uma atalaia fantastica, a meia-sombra da ilha colossal.

*

* *

Crepusculo da tarde.

Ha um recolhimento religioso em toda a natureza.

O sol se esconde, entre nuvens de oiro.

As aguas que rolam na correnteza não têm mais a côr de barro.

Sob os reflexos do fim da tarde, tomaram uns tons que, maravilhosamente, semelham prata velha.

O rio parece um immensuravel espelho, que transmuda, de instante a instante, em *nuances* multiformes e polychromicas, as suas escamas e maretas...

Pelos ares, marrecas e perequitos, em algazarra, aos bandos.

A mattaria, nas beiras, tem os cimos das suas copas doirados.

Vem da floresta um rumorejar surdo que mais augmenta agora, para, daqui a instantes, diminuir de intensidade.

O gralhar mais agudo de algum passaro em luta zarpeia os espaços e responde, muito distante, no éco sonoro...

Em seguida logo, a solidão que, como um sudario, envolve a grande paisagem do sol morto.

A semi-penumbra desfaz-se a pouco e pouco, sem a gente aperceber-se.

Tudo está envolto em sombras.

Já não mais se descobrem as arvores grandiosas.

As margens, fortes muralhas negras.

No firmamento — que é uma grande mancha

sem côr — surgem tremulas estrellas, medrosamente, a scintillar...

A noite envolveu, inteiramente, a selva e as aguas.

Tudo é negro. Colossalmente negro.

O rio canta as suas endeixas misteriosas, reflectindo as estrellas do céo.

Cáe-nos dentro dalma uma melancolia profunda. É um scismar que não mais se finda.

A matta semelha um duende, de fórmas gigantescas, que quisesse deglutir, faminto, o pequeno navio.

Vão nalma uns arrepios que falam ao coração.

O espirito voeja.

As lendas amazonicas — misteriosas, fantasticas — tomam vulto, criam formas.

Vae um perpassar, ininterrupto, de mães-d'agua, de cobras com figurações de mocetões vistosos, das yáras que nos parecem attrahir, dos navios fingidos pela boiuna, dos sacys-pererés, dos bôtos, dos jabotys...

O rumor do rio completa a phantasia.

A canção das aguas é uma canção infinitamente dolorosa...

*

* *

A região das ilhas é vastissima.

Horas a fio levou o "Cuyabá" atravessando-a.

As selvas parecem tufos verdes — surprehen-

dentemente verdes — que se levantam para os céos, numa offerta de mil matizes.

Os occasos do sol, ao sabor das aguas, são maravilhosos, em pleno Amazonas.

Dentro da noite, surprehendeu-nos, ao longe, o scintillar de luzes varias. Parecia uma reproducção fiel de algum espectaculo das "Mil e uma noites", a reflectir-se n'agua.

Era Jararaca, um porto de lenha, em sua modestia de meia-duzia de choupanas pobres.

Ao dia seguinte, começámos a atravessar os estreitos de Breves.

São um labirintho maravilhoso.

Tinham-me feito uma observação que verifiquei: as gaivotas que nos acompanhavam, esteira afóra, ficaram para trás. Nenhuma transpôs a entrada de Breves. Medrosas, voltaram em busca dos seus logares predilectos. Por que esse facto? Sabe lá alguem o motivo de quantas idiosyncrasias de certas aves?

A estrada que o navio corta tem a largura de poucos metros. Mais vasta aqui. Mais estreita lá adiante.

As canaranas e os mururés rolam na correnteza, como ilhas fluctuantes. Páos decepados, galhos ainda verdes, pedaços de troncos são tangidos na onda, de bubuia...

Nas margens, a vegetação, numa exhuberancia pasmosa, varia, num crescendo espantoso, desde a aninga, um capim tenro, o burity, a semelhar a

carnahuba, até á samaumeira gigantesca e perfilada imponentemente, espiando as aguas barrosas, que correm na ansia de precipitar-se no Oceano.

Cantantes de verdura, surgiram e desappareceram para trás as ilhas das Araras e do Oyá.

Agora, o pharol de Buissú.

Em seguida, a bocca do Lago Grande.

E, lá adiante, o furo do Vira-saia, estreitissimo, dando apenas passagem ao nosso navio.

Beijado de sol, appareceu-nos "Antonio Lemos", um grande emporio de madeiras para exportação.

Os assahyzeiros e os pés de borracha balançam á aragem.

Cá e lá, igarapés e furos, em numero inacreditavel.

De longe em longe, as malocas, pobres e sordidas, dos seringueiros, arrimadas em pranchas.

Meninos, em frageis montarias, leves como folhas, brincam na correnteza, animados pelas maretas que o navio levanta.

A variedade de arbustos é surprehendente, é espantosa.

Os verdes variam, em todas as *nuances*. Desde o verde-negro até o verde-claro. É o verde-garrafa, é o verde-gaio, é o verde-cré.

As folhas, as palmas, os galhos, os troncos surgem diversos em fórma, em tamanho, em grossura.

As duas margens são duas muralhas vegetaes.

Papagaios palram. Cigarras estridulam. Araras casquinam.

Á flôr das aguas quase, distantes, os roçados verdoengos.

Subindo ás arvores, enlaçando-as, envolvendo-as, enfeitando-as, as trepadeiras que parecem chorões...

Já passámos: Bom Jardim dos Andradas, Liverpool...

Vamos atravessar o Furo do Limão — uma nesga d'agua que se some entre a vegetação grandiosa.

Estamos agora em pleno rio Amazonas. O nosso barco parte as aguas do rio-dos-rios, majestoso e soberbo.

Páos rolam, na corrente, serena.

Ao quarto dia, na fimbria do horizonte, o azul forte das serras. Começou, assim, aspecto novo para a nossa visão.

O Jary... Arumanduba...

A serra da Velha-Pobre, com o cimo pelado e nú.

Troncos esguios, rectos, doirados, de folhas amarellas e seccas, que brilham batidas de sol...

Trepadeiras tristes que envolvem as arvores.

O rio é mais espumoso e mais côr de barro.

Junto das montanhas, a vegetação torna-se mirrada, pequena, rachitica.

Bananeiras que farfalham ao vento.

Os ramos deitam-se somnolentos sobre o espelho liquido.

O painel immutavel torna-se, ás vezes, monotono.

Na agonia da tarde, os céos ficam translucidos como uma lamina rebrilhante.

O rio — um lago sereno — reflecte o firmamento: torna-se, tambem, clarissimo.

*

* *

A correnteza, é forte: o navio galga-a, com esforços.

Um apito agudo. E o "Cuyabá" arreia ferros. Mais um dos numerosos portos de lenha.

Continuamos a viagem.

Recomeça a paisagem dos cedros, das imbahubas, dos páos-mulatos... E, de permeio, os cipós que os entrelaçam.

Aqui e ali, as ciganas, os guarás, os maguarys, as garças... a espiarem, assustadiços.

Além, a serra do Jutahy.

De bubuia, passam, verdadeiros jardins fluctuantes...

Já reaparecem as gaivotas — gaivotas de asas de ponta preta.

Bandos de borboletas, multicores, alvoroçadas, vertiginosas, de todas as especies, em uma formidavel variedade.

Emfim, Santarém, esplendorosa á luz do sol.

É aqui que Henry Ford vae lançar a sua formidavel empresa. Já se nota um certo movimento de vida.

Á entrada, um phenomeno interessante: as aguas do Tapajós não se misturam com as do Amazonas. Ha como que uma linha divisoria.

Obidos, com o seu ar marcial, semelha um presepio mimoso.

O "Cuyabá" atravessa, agora, o paraná de D. Rosa — a mais estreita passagem do rio-mar.

As palhoças dos seringueiros brotam dagua, arrimadas nos ares.

Em São Braz, o navio demora, para receber gado.

Santa Julia — a fronteira entre os dois Estados.

Parintins tem aspecto commum.

Vêm seguidamente o paraná do Mucambo ou Arary e o Céo, porto de lenha.

Barrancos vermelhos a tingirem as margens.

Das selvas chega-nos o cheiro bom de rezinas e de folhas aromaticas — cheiro de saude.

O paraná e a ilha do Serpa, vendo-se, como uma nodoa rubra, aqui e ali, brotando d'agua, os bôtos que pinotêam, cambalhotando.

Uma volta brusca e a cidade de Itacoatiara, na luz de oiro da tarde.

O rio é um espelho. O céo, um incendio.

Ao longe, um navio da "Booth", que fumega, no esplendor do crepusculo.

*

* *

Ao dia seguinte, numa apotheose de mil cores, a cidade de Manáos.

CIDADE-SORRISO

Após oito dias de viagem — A visão da capital amazonense — Flanando pelas ruas — Lição de optimismo — A victoria de uma administração.

Ao dr. Araujo Lima

O "CUYABÁ", com a sua marcha tarda, deixára, fazia oito dias, a capital paraense — a cidade das arvores — quando, ao amanhecer maravilhoso daquelle sabbado claro de luz, começou a singrar, serenamente sempre, as aguas escuras do Rio Negro.

Eu vinha verdadeiramente encantado, simplesmente maravilhado, com o kaleidoscopio fantastico dos aspectos novos, das paisagens deslumbrantes, ao nascer do dia, á hora do zenith estonteante, ao pôr-do-sol côr-de-saudade, do Amazonas misterioso e lendario...

O rio-mar, com a sua poesia empolgante, não só á luz do dia, como no silencio religioso das noites, em que as estrellas, tremulas, se vêm mirar, vaidosas, nas aguas barrentas, e as florestas, nas margens distantes, parecem monstros fabulosos de visões horripilantes, — o rio-mar inebria-nos a alma de uma dolçura agreste e bucolica, deante desse perpassar incessante, du-

rante longos oito dias, de telas vivas da natureza exhuberante — a verdura que canta apotheoses de mil *nuances,* as aguas que ensaiam canções nostalgicas e embaladoras...

Eu tinha já a alma cansada de tantas e de tão electrizantes sensações, quando, á aragem da manhã refrescante, debruçado á amurada do pequenino navio, vi, sem procurar esconder a minha insopitavel admiração, a metamorphose subita das aguas: o encontro do Amazonas barrento com o Rio Negro...

E o "Cuyabá", inabalavel em sua marcha vagarosa, deixou para trás a ilha de Marapatá e começou a manobrar, fazendo a volta da Ponta Pelada, e, inesperadamente, como por encanto, surgiu-nos á frente uma cidade enfeitiçante de belleza, beijada de sol, em plena bahia do Rio Negro.

— Manáos, cidade-sorriso !

O casario rebrilhante, as torres claras, as cupulas atrevidas e faiscantes, os frontispicios vistosos, tudo novo, tudo brilhante, fornece ao *touriste* uma visão inédita e sensacional.

Ha como que um hiato no quadro da natureza e, subitamente, nos enche os olhos a alegria sorridente da cidade com as louçanias da juventude.

Parece até inacreditavel que, após tantas milhas de agua e de floresta, sómente de floresta e de agua, num milagre de misterio, nos venha a aparição, galante e fascinadora, da *urbs* ma-

nauense, risonha e alacre, a acenar-nos hospitaleira e gentil...

É um painel que se não esquece jámais !

*

* *

Amarrado o navio na *roadway*, feitas as visitas da alfandega e da policia, estava desimpedida a embarcação.

Desde o primeiro momento, após os primeiros passos pelas ruas, a flanar despreoccupado, a minha observação registrou um facto: parecia ler, gravada por toda parte, como numa legenda, a palavra — Asseio.

Os parallelepipedos, limpos e brilhantes, os passeios, escovados e alvos, os escoadouros hygienizados, tudo, emfim, luzidio e bem tratado.

Os jardins mimosos enchem de brilho, cá e lá, a cidade moderna.

Os *ficus-benjamin,* arrumados e *barbeados,* sobem rua acima, pelas avenidas e pelas praças, enfileirados e simetricos, a espalharem a gloriosa mocidade da chlorophila das suas folhas e dos seus ramos.

Tem-se a impressão de andar pelas alamedas de um parque.

Os edificios confortaveis e elegantissimos, os "bungalows" graciosos, as vivendas de frontispicios cuidados enchem a cidade, desde o seu

centro movimentado — a linda Avenida Eduardo Ribeiro, até os bairros longinquos e os suburbios silenciosos e quietos...

Passeando-se as ruas, sente-se que a alma se impregna de uma doce alegria, a alegria satisfeita de ver coisas novas, aspectos luzidios, fachadas scintillantes...

A *urbs* está constantemente a sorrir suave e bom sorriso, que tanto bem faz ao espirito.

São avenidas inteiras, com predios modernos, de frontarias alegres, a eternamente nos darem a lição inegualavel do optimismo.

Manáos, em sua alma encantadora, canta estrophes esplendidas de uma juventude guapa e forte.

Pelos ares, parece perpassar a musica inebriante e sadia que nos faz entreabrir a flôr dos labios num inefavel sorriso glorioso.

Até os transeuntes, pelas ruas, têm a phisionomia franca e aberta de quem é feliz.

É o effeito do ambiente sonoro de mocidade.

*

* *

O Theatro Amazonas, um primor de arte e de gosto, com a sua cupola fascinante de azulejo verde-amarello, o seu *foyer* sumptuoso, o seu salão de honra simplesmente deslumbrante — é

um edificio, no genero, que só se encontra igual na velha Europa.

O Palacio da Justiça, o Palacio Rio Negro, a Santa Casa de Misericordia, a Bibliotheca, o Palacete dos Correios, o Ideal-Club, o Gymnasio Amazonense, a Beneficencia Portuguesa, a Policia Militar, a Alfandega de Manáos, a Chefatura de Policia, a Prefeitura Municipal, para citar sómente estes, são edificios que não ficariam mal collocados em qualquer capital sulista.

São palacetes de architectura bella e soberba.

Innumeros são os predios de particulares que nos chamam a attenção pelo aspecto primoroso.

Além disto, o serviço de bondes e de illuminação é perfeito e completo.

Então este ultimo é digno de ser imitado e copiado.

As magnificas estradas de rodagem me chamaram a attenção e me enthusiasmaram deveras.

Palmilhei diversas e em todas colhi impressão esplendida.

Manáos, emfim, foi para mim um deslumbramento.

Desde o primeiro momento, a minha admiração cresceu e tomou vulto.

Das cidades do norte é uma das mais bellas e mais empolgantes.

Deslumbra e fascina, a um tempo.

É bem a cidade risonha, como mui justamente a cognominaram.

Cidade-alegria, cidade-sorriso, cidade-moça... chamo-a eu.

Este prisma de progresso que me calou profundamente e por que vi a linda *urbs* amazonense, deve-se, em grande parte, aos esforços da administração actual.

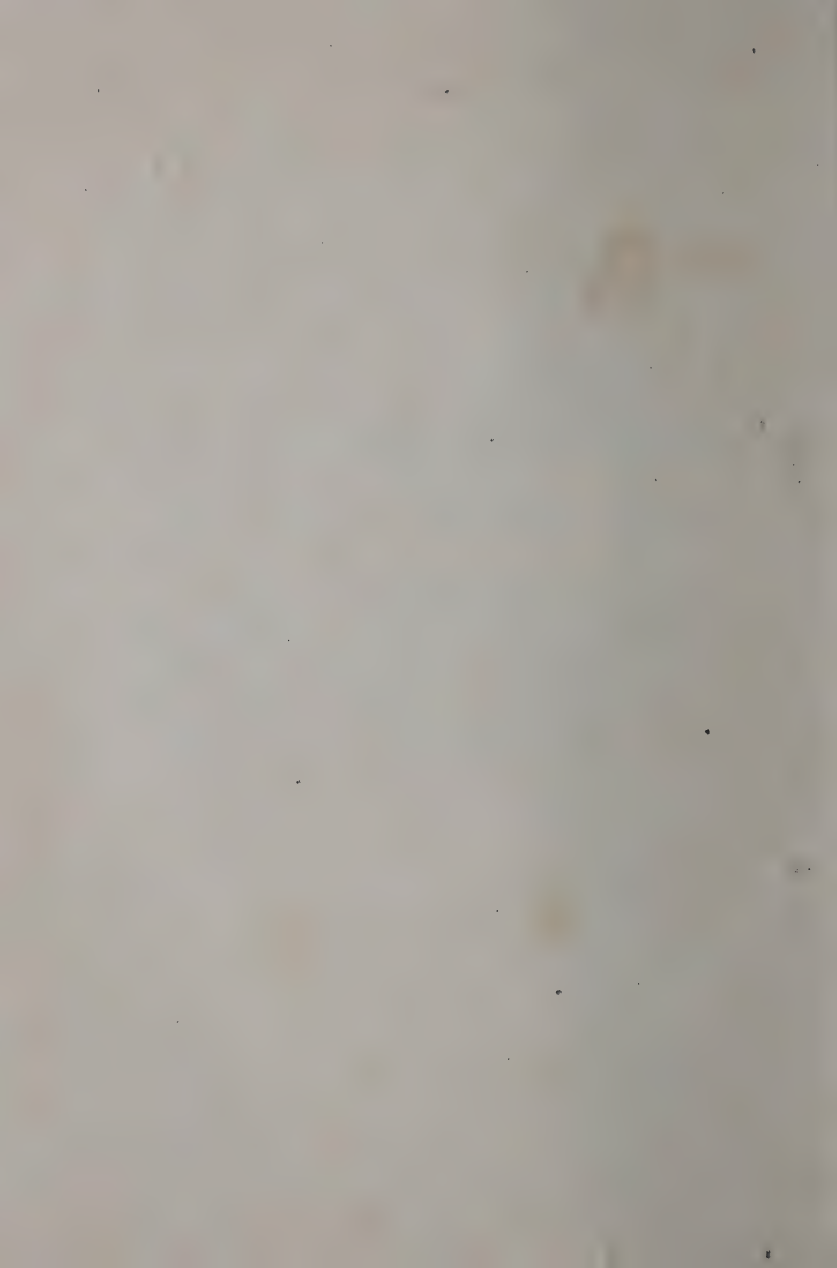
O dr. Ephigenio de Salles é um governante que não poupa esforços, coadjuvado pelo doutor Araujo Lima, um medico illustrado, na chefia dos negocios do municipio.

Ambos *business-men,* espiritos de visão larga e intelligencia sadia.

O Presidente do Estado e o Prefeito da Cidade recebem, tive occasião de observar, o premio dos seus trabalhos: são queridissimos pela população.

É a victoria da sympathia. É a victoria do trabalho. É a victoria da honestidade.

INTELLECTUALIDADE E NUMISMATICA

O meio literario do Amazonas é bem vigoroso — Vultos em destaque no mundo intellectual — Uma surprehendente collecção de moedas — Revivendo a historia da humanidade — A quarta exposição do universo.

Ao dr. Vicente Reis

O AMAZONAS é, por excellencia, a terra das letras.

Das cidades visitadas por mim, no extremo norte, foi em Manáos onde encontrei um nucleo intellectual bem vigoroso e forte e em grande animação.

Existe ali uma Academia de Letras, modelada pela sua congenere da capital da Republica, onde se congregam quase todos os intellectuaes do rico Estado nortista.

Ha um constante e fortissimo sopro de enthusiasmo que anima e aquece o amor das letras e das artes.

Não sei si devido ao facto, hoje em dia já bastante comprovado, do ambiente, do meio equatorial, um dos mais maravilhosos do universo — mattas exhuberantes de verdura, aguas que cantam canções de belleza, improvisando paineis verdadeiramente fantasticos — não sei si devido a esse ambiente de encantamento, os homens de

letras do Amazonas têm o espirito mais fulgurante e a imaginação mais productiva.

Não só os intellectuaes têm esse amor ardente pelas artes e pelas letras.

Tive a alegria de observar, na terra dos Barés, quer no Pará, quer no Amazonas, que o grande publico anima e acolhe, com carinho e com enthusiasmo, os que se dedicam ás coisas do espirito.

Existe por toda parte um incentivar sadio que acalenta aos escriptores e aos artistas em geral.

Em Manáos, principalmente, está o maior nucleo. Ali se congregam os vultos de mais destaque.

Passarei a citar os nomes de maior brilho, actualmente, no mundo das letras, no Amazonas:

Raimundo Moraes é o escriptor scintillante que brilha com fulgor em um dos primeiros planos. Autor applaudido de varios livros sobre o rio-mar, destacando-se o "Na planicie amazonica", uma joia da literatura nacional. Ainda agora está lapidando mais um livro de franco successo: "Diario de navegação philosophico", que entrará para o prelo dentro em breve. Ainda mais, está organizando uma obra deveras suggestiva sobre as lendas do grande rio. Além de fino homem de letras, Raimundo Moraes é um "gentleman" perfeito.

Araujo Lima é um scientista de valor e um literato de merito. Occupa actualmente, com muita

galhardia, o alto cargo de prefeito de Manáos. É autor de varios trabalhos literarios deveras notaveis. Apesar dos seus numerosos affazeres na direcção do municipio, não esquece as letras e a sciencia, e, de quando em vez, delicia o publico com as suas producções.

Vicente Reis é um nome notavel no jornalismo amazonense. Juntamente com o filho — dr. Arthur Reis — um moço de talento e de bondade, vae lançando, com grande exito, o melhor jornal manauense, com o apoio franco do publico.

Coriolano Durand, talentoso e habil na arte difficil de escrever, vae brindando os que amam as boas letras com trabalhos notavelmente encantadores.

Pericles Moraes, considerado um dos nomes mais em evidencia nas letras amazonenses. É elle o principe da prosa.

Alvaro Maia, brilhante como escriptor, notadamente como poeta maviosissimo, autor de varios trabalhos interessantes e encantadores.

Agnello Bittencourt escreveu com exito uma magnifica "Chorographia do Amazonas".

Da Costa e Silva é sempre o poeta querido pelas suas producções explendidas.

Aurelio Pinheiro produziu varios romances de successo, tendo um premiado pela Academia Brasileira de Letras. São seus: "Desterro de Humberto Saraiva" e "Gleba tumultuaria".

Sá Peixoto, erudito e sapiente, com trabalhos de valor.

Adriano Jorge, o principe dos oradores do Amazonas. É o presidente da Academia de Letras.

Jonas da Silva, um dos poetas mais queridos e apreciados do norte do Brasil. Tem "Amphoras", "Uhlanos" e "Czardas", cujos versos, reproduzidos amplamente pela imprensa de todo o país, justificam o enthusiasmo que lhe vota o meu grande amigo Alvaro Bomilcar.

Francisco Galvão e Leopoldo Péres, dois nomes jovens e vigorosos. O primeiro já offereceu ao publico: "Victoria Regia" e "Cidade dos loucos".

Carlos Mesquita, vibrante jornalista, dirige com devotamento uma magnifica revista: "Amazonida".

José Chevalier, na direcção do "Diario Official", mostra-se um jornalista de merecimento.

Nonato Pinheiro, preparando um livro de successo sobre a Amazonia, denominado — "Hylae".

João Léda, um nome na philologia nacional.

Washington Mello, moço e talentoso, com grande cabedal de conhecimentos literarios.

Sobreira Filho, preparando um livro de versos: "Lirio de Florença".

Francisco Pereira, com "Poemas amazonicos".

Seria deveras difficil, numa simples chronica fugaz, fazer o estudo exacto e perfeito sobre cada um dos intellectuaes que actualmente brilham naquelle rincão longinquo.

Limito-me apenas a citar-lhes os nomes já conhecidos.

Tive ensejo de privar particularmente com varios delles, podendo citar Raimundo Moraes, Vicente Reis, Arthur Reis, Carlos Mesquita, Araujo Lima, Alvaro Maia, Da Costa e Silva, Nonato Pinheiro, Coriolano Durand, Leopoldo Peres, José Chevalier, Francisco Pereira, Washington Mello, Sobreira Filho, tendo todos me cumulado de captivantes gentilezas.

O meio intellectual amazonense é deveras vigoroso e forte.

Em Manáos, se aggremiam vultos de real renome na literatura nacional.

*

* *

Visitando, em certa tarde, o "Diario Official", do Amazonas, descobri, graças ao seu incansavel director, dr. José Chevalier, uma magnifica collecção numismatica pertencente ao Estado, a qual se encontra em largo salão do edificio daquelle jornal.

— É a quarta collecção do mundo. Custou 300 contos ao Estado. Avaliam-na, hoje, em cerca de 800 a 1.000 contos, explicou-me o apreciado intellectual amazonense.

Quedei, espantado.

Numa curiosidade irrefreavel, fui vê-la e, horas a fio, passei examinando a colossal exposição.

Em *vitrines* elegantes, são as moedas conservadas, cuidadosamente.

Innumeras montras, arrumadas com ordem.

— Eis aqui os catalogos para facilitar-lhe os estudos, disse-me o amavel director.

Eram quatro volumes grossos, com explicações completas sobre cada uma das moedas que, no veludo dos mostruarios, se exhibiam, curiosas.

Os catalogos foram organizados por Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos, em 1900, sob os auspicios do governo do Estado.

Ha ali na exposição moedas de todos os pontos da terra, umas novas, modernas, reluzentes, outras antiguissimas, mal se distinguindo os seus caracteres e muito menos os letreiros, que desappareceram gastos pelo uso.

A collecção é quase completa.

Aqui, são moedas gregas, em prata. Adiante, em bronze. Todas velhissimas e já bem comidas pelo tempo.

Agora, romanas, em prata e em bronze.

Além, medievaes, em ouro e em prata.

Ali se encontram de todos os paises, quer da Europa, quer da Asia, quer da Africa.

Em seguida, veem as modernas. Em bronze e em cobre.

São de Portugal, da França, da Espanha e de todos os paises da Europa.

São de Sumatra, do Japão, da Coréa, da China, e de outros muitos paises da Asia.

Quer da Africa, quer da America, quer da Oceania.

É uma reunião internacional de dinheiro de todo o orbe. É um ambiente francamente cosmopolita, da edade antiga e da edade moderna, em que estão representadas moedas de toda parte do mundo.

Numa vitrina, ao fundo da sala, medalhas vistosas de differentes paises. Ha da França, da Inglaterra, da Belgica e da Italia.

Ha tambem umas que foram cunhadas para *réclames*.

A secção do Brasil é deveras interessante.

Desde o periodo colonial, do tempo do Imperio, até a época actual da Republica. Além disso, medalhas referentes á nossa Patria, e leis, cartas de lei, alvarás e decretos, provisões, portarias e avisos.

Como um supplemento ás gregas, romanas, consulares, imperiaes, byzantinas, etc., vêm medalhas de varias partes, com inscripções diversas, com dizeres bem curiosos e bizarros.

Vejam essa. De um lado:

"Souvenir de mon ascension au sommet de la Tour Eiffel. *B. Ramos*. 20-7-1899."

No reverso:

"Les travaux ont commencé le 27 janv. 1887.

Le monument a eté inauguré le 8 mai 1889."

A torre ao centro, entre os mais altos monumentos parisienses, como os Invalidos, a Notre Dame, a Opera, o Pantheon, o Arco do Triumpho, S. Pedro, etc.

Encontram-se innumeras curiosidades appensas á collecção. Uma infinidade de cedulas do Thesouro Nacional, e de varios Estados brasileiros.

A um recanto, a bibliotheca numismatica.

A secção mais suggestiva é a que trata das condecorações nacionaes. Desde a ordem de N. S. Jesus Christo, S. Bento de Aviz, S. Thiago da Espada, Imperial do Cruzeiro, Pedro I — fundador do Imperio do Brasil, ordem da Rosa... E, aqui e ali, rosetas e rosetas de differentes ordens...

Tinha eu os olhos cansados de ver tantas moedas, tantas medalhas, tantas condecorações, tanta coisa estranha e altamente interessante e profundamente instructiva.

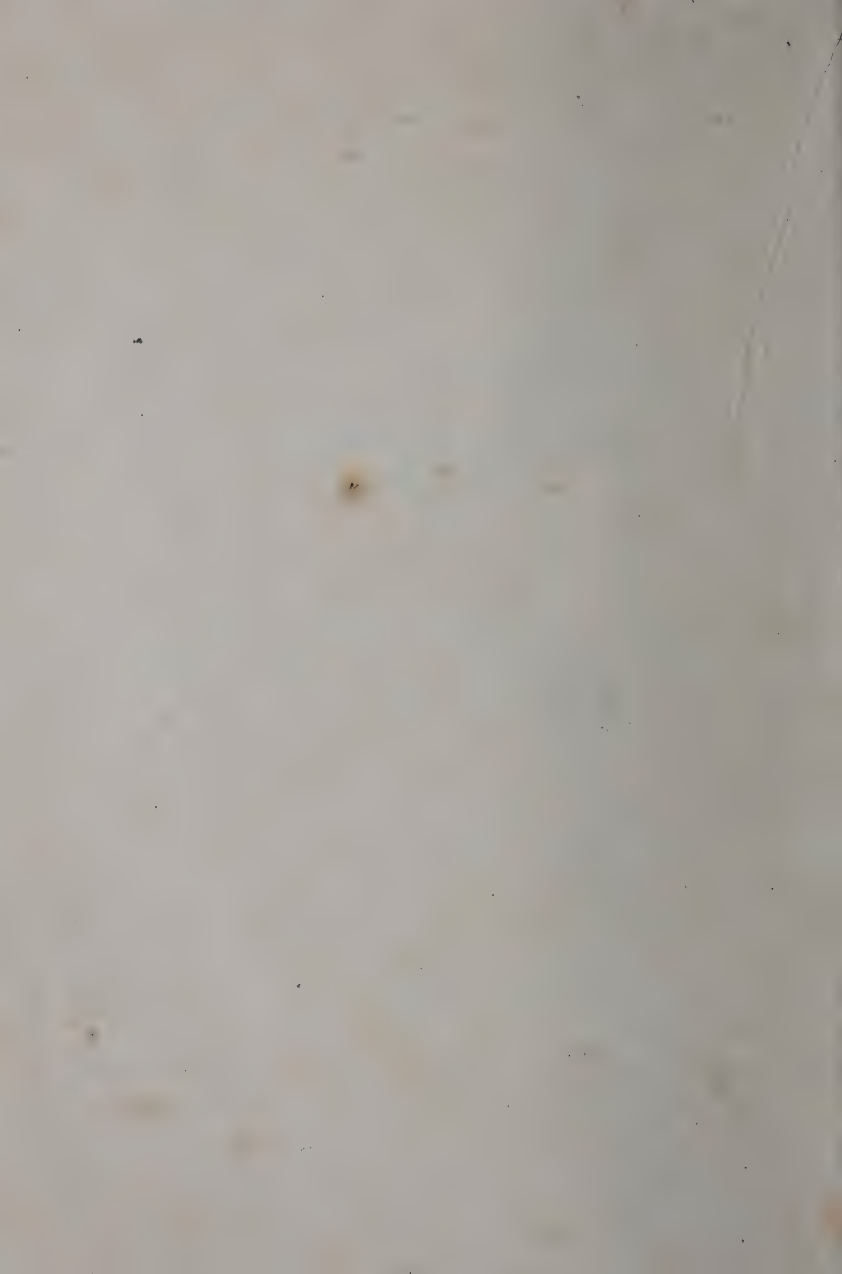
Deslizaram deante de mim quantas edades, quantas epocas, quantos periodos da Historia.

Revivi todo o existir da humanidade, através de uma surprehendente collecção numismatica — a quarta do universo e a primeira da America do Sul.

Então me vieram aos labios os formosos versos de Leconte de Lisle, divulgados em nosso idioma pela penna de de oiro de Olavo Bilac:

" Este, sim ! viverá por seculos e seculos,
Vencendo o olvido. Soube a sua mão beijar,
Ondeando, no negror do onyx polido e rutilo,
A alva espuma do mar."

UMA ADMINISTRAÇÃO INTELLIGENTE

Visita ao chefe do Estado — Noite festiva de S. Pedro — Estradas de rodagem — Um "boi" — A quéda d'agua de Tarumã.

Ao João Baptista de Moraes Henriques

O *CHAUFFEUR* acelerou o motor e o auto começou a andar.

Iamos ao *Sanatorio*, em visita ao sr. dr. Ephigenio de Salles, operoso presidente do Estado do Amazonas.

Acompanhavam-me o festejado escriptor Raimundo Moraes, autor applaudido do apreciado livro "*Na planicie amazonica*", e o conhecido jornalista, Carlos Mesquita, director da esplendida revista "Amazonida" — ambos meus prezados e distinctos amigos.

Pela manhã, procurára no Palacio Rio Negro — o Palacio do Governo — o chefe do Estado e não o encontrei.

Áquella hora da noite — magnifica noite festiva — vespera ruidosa de S. Pedro, a cidade de Manáos scintillava á luz de centenas de fogueiras, que atiravam para os ares o crepitar das suas labaredas rubras...

Era a commemoração da festa tradicional.

Balões pontilhavam os céos negros, a correr, ao sopro do vento.

Foguetes espoucavam. Bombas estouravam.

Era um ruidar intenso e forte.

A fumaça — fumaça ardente e causticante — fazia-nos os olhos em lagrimas.

O carro corria, veloz. Para atrás ficou a cidade barulhenta.

Estrada a fóra, á porta das choupanas, as fogueiras ardiam estrepitosamente.

Em pouco menos de vinte minutos, chegavamos á residencia do presidente Ephigenio.

O *Sanatorio* é a casa de verão dos chefes de governo, no Amazonas.

Um lindo jardim e o confortavel *bungalow*.

Descemos.

Luzes em abundancia.

Em frente ao edificio, uma fogueira que illumina fortemente.

Numerosos vultos em destaque da primeira sociedade manauense — damas e cavalheiros.

Cumprimentos e apresentações.

Creanças com risadas radiosas.

Um ambiente requintadamente distincto e encantador, puramente familiar.

O dr. Ephigenio não estava presente. Jantava juntamente com a sua illustre familia.

Momentos depois, por uma das portas recobertas de telas, surgiu a figura sympathica do probidoso governante nortista.

Simples de maneiras, cumprimentou a todos, sorridente.

E, sem preoccupações de qualquer especie, em seu *paletot* de pijama, principiou a palestrar calorosamente.

Com a sua cabelleira totalmente branca, phisionomia larga e sincera, ares profundamente democraticos — s. excia., desafectadamente, era, em pouco, o objecto de todas as attenções.

Palestra despretenciosa, palavra facil, commentario vivo e intelligente, discorre sobre todos os assumptos, desde os mais serios, relativos á sua administração, até os mais palpitantes no momento, colhidos no noticiario dos jornaes.

E de permeio, a anedocta leve, fugaz, incisiva, e o chiste, gracioso e opportuno.

É um *causeur* admiravel. Sabe bem palestrar. Prende e suggestiona com as suas narrativas.

Preocupam-no constantemente os assumptos que dizem respeito á administração.

Trá-los sempre á balha, no meio das suas conversas.

Em dado instante, s. excia. começou a discorrer sobre estradas de rodagem.

É uma das grandes preoccupações do seu governo.

Inesperadamente, virou-se para mim a indagar si já percorrera as estradas amazonenses e qual a minha impressão.

Eu andara em algumas e achara-as magnificas.

S. excia. historiou os seus esforços, os seus trabalhos.

As vias custam carissimas ao Estado, devido ás colossaes arvores. Para a derruba de um desses gigantes da floresta são gastos 300 e mais mil réis.

Ao fim de alguns kilometros, quantos contos, para a sua feitura.

O dr. Ephigenio encara outros problemas da sua governança, quando, de repente, interrompendo a conversação, irrompe, sala a dentro, numa carreira desabalada, o mimoso da casa, o caçula querido:

— Papae, um *boi*, mande entrar ! Quer dansar aqui !

— Sim, filhinho, disse bondoso, sorrindo um sorriso que era o contentamento da sua alma de pae feliz.

Nesse instante, já se ouviam os sons roucos de maracás e o tilintar de guisos dos pandeiros. Um vozear inintelligivel zarpeava os espaços, cantando versos horrendos, numa onomatopéa cadenciada e monotona.

Trajos caracteristicos, berrantes e exoticos. Na frente, o *boi*, aos pinotes, era o *clou* das attenções da criançada.

Pararam. Cumprimentaram aos presentes e, ao som de um trio desafinado, teve inicio a funcção.

As danças, bizarras e sem variedade, repetidas e sem graça.

Cantos desencontrados que umas figuras extravagantes, de plumas no chapéo e espada á cinta, procuravam ensaiar.

E assim horas e horas.

Quando nos levantámos para saír, quase meia noite.

*
* *

O amavel dr. Araujo Lima, esforçado intendente de Manáos, teve a gentileza de convidar-me para um passeio ao recanto mais encantador da cidade: o Tarumã, onde existe grande queda d'agua.

Eramos três no confortavel automovel da Municipalidade: o attencioso e abalizado medico, o apreciado escriptor Raimundo Moraes e eu.

Após percorrermos uma hora de magnificas estradas, em que o carro chispava impavidamente, chegámos ao sitio amenissimo.

É um trecho mimoso de floresta, de arvores esgalgadas e rectilineas, a subirem indefinidamente.

A cascata, encoberta entre a folhagem, canta estrophes de espuma, despejando-se da altura de alguns metros, numa queda gloriosa e linda, proporcionando um espectaculo de verdadeira poesia bucolica.

Voltámos ao automovel, após algumas chapas photographicas.

Adiante, um kilometro, o bosque para o publico. Um *bungalow*, feito de palha, com muita arte e com muito gosto. Um pavilhão, tambem de palha, rustico, porem gracioso e bem acabado.

Bancos de cipós, mesas fingindo victorias-régias, e, aqui e lá, á sombra das arvores gigantes, assentos improvisados.

Ali veem, nos dias domingueiros, bandos alegres, fugindo á monotonia da cidade, á cata de um pouco de ar puro, de um pouco de diversão para o espirito. Improvisam-se festas, em dias de convescotes. É um recanto maravilhoso e sem igual, conservado e melhorado pela administração actual do municipio, que não poupa esforços, por embellezar a cidade.

Retornámos.

O auto, veloz, corria, rapido.

Ao longe, surgiu o bairro de S. Raimundo, reflectindo-se na agua de um igarapé. É o suburbio dos operarios. Arruados enormes de casas. Uma capella. Um grupo escolar. Illuminação electrica.

Distante, do outro lado, a cidade immensa, com o seu casario a rebrilhar ao sol. Bem pertinho, o edificio enorme da Fabrica de Cerveja, com os seus oito andares.

Em S. Raimundo, está a estação radio-telegraphica do Estado, montada pelo actual governo, e uma das melhores do norte.

Quando tornámos ás ruas movimentadas da *urbs*, o sol morria, num crepusculo ensanguentado, a beijar, docemente, suavemente, a linda cidade dos sorrisos...

LENDAS DO RIO-MAR

Ambiente maravilhoso de deslumbramentos — A phantasia popular — Quantos mythos encantadores! — As amazonas, as yáras, os bôtos, as mães d'agua... — Vozes da floresta...

A Carlos Mesquita

CONTAR lendas, relembrar mythos, reviver historias phantasticas de misterios e de duendes — foi, em todos os tempos, o supremo encanto da humanidade.

Mal desabrochamos para a vida, mal tartamudeamos as syllabas dessa palavra doce e magica que é *mamã,* mal ensaiamos, na existencia, os primeiros passos ainda incertos e vacillantes, mal começamos a ter um descortino, leve e esfumaçante, do mundo, e, já enlevados e já boquiabertos, juntos a uma vovó, sempre boa e sempre suave, de cabellos cor de neve, quedamos na escuta religiosa de quantas historias de principes desencantados, de monstros fabulosos, de bichos horrendos e famelicos...

Nessa idade doirada da primeira juventude, quando ainda mal comprehendemos as maldades humanas e as dores do existir, quando ainda temos da vida uma noção de maravilha e de encantamento, as nossas phisionomias, quantas vezes, se

abrem, na dolçura de um inefavel sorriso de felicidade, a essas iniciaes palavras de contos de fadas: — "Era uma vez..."

E, com o nosso espanto e com o nosso enlevo de anjos do céo — ficamos, horas a fio, presos ás narrativas da ama querida, da avózinha carinhosa, que, ao luar de prata das nossas noites constelladas, nos vão incutindo, na pequenina alma, o amor pelo inverosimil, a admiração pelas coisas do mundo das fadas, juntamente com o medo-terrosisante das bruxas vingativas e o horror aos castigos tenebrosos dos reis irasciveis...

*

* *

A região feracissima do rio-mar é prodigiosa em lendas e em misterios deslumbrantes.

O ambiente é fantastico e propicio á creação de quantos mythos, que enchem a grandiosa planicie.

Ha, de continuo, um desenrolar de historias de assombramentos, que descem rio abaixo, de seringal em seringal, de maloca em maloca.

O caboclo é um crente obstinado de coisas espantosas.

Elle atravessa a matta, com a intrepidez de um hercules.

É um desassombrado, na luta insana contra uma natureza insalubre. É capaz de afrontar as feras mais perigosas, as cobras mais traiçoeiras,

os jacarés mais valentes e matreiros, os bôtos mais terriveis e cambalhotantes.

Tem o heroismo de todas as bravuras imaginaveis. É o desbravador indomito de uma floresta bravia.

Derruba arvores gigantes, despedaça todos os impecilhos em sua passagem, e abre estradas em plena matta virgem.

De sol a sol, dias inteiros, e, ás vezes, noites a fio, vive nas cathedraes das florestas, alimentando-se das caças e das pescarias...

É um bravo, é um forte, é um gigante!

De repente, porem, na labuta ardorosa de um dia canicular, na espessura da mattaria, elle ouve, de imprevisto, um estalido mais rouco, um grito mais agudo, um apitar mais estridente, um assobio mais aguçado — produzidos, talvez, por algum ramo que se quebra, por alguma ave que canta, por algum passaro, que gorgeia, por algum bicho escondido na alfombra, — e elle, o hercules, o gigante, o forte, estaca, surpreso, os cabellos arrepiados, um temor descompassado.

A enxada e o facão cáem-lhe nos pés e desanda numa carreira desabalada, matta afóra, em busca dos companheiros...

É a assombração.

* * *

José Carvalho, o festejado escriptor cearense, residente ha muitos annos na cidade de Belem,

tem uma carta, em versos matutos, em que descreve, para Catullo da Paixão Cearense, as rutilancias das regiões assombrosas, onde as victorias-régias esplendem ao sol.

Eis alguns desses versos, ainda inéditos:

" Catullo, eu vou lhe escrevê
Desta terra do Pará,
Onde tarvêz que voçê
Não provasse o tacacá;
Nem nunca na sua vida
Pensasse vi pur aqui
Pra bebê dessa bebida
Divina, que é o assahy.

Aqui ha esse ditado
Que eu lhe vô arripiti
E que é muito aperciado
Pru causa desse assahy:
" Chegou no Pará, parou,
Bebeu assahy, ficou ! "

Muita coisa cuma essa
Eu podia lhe contá,
Coisa muita, coisa á bessa,
Da terra do Grão-Pará.
Apois tão grande é essa terra
Neste assunto de grandeza
Que quem affirmá não erra
Que ella é uma Natureza
Dentro doutra Natureza.

Só uma coisa eu lhe digo
Sem medo de lhe enganá
É qui você, meu amigo,
Deve vi vê o Pará;
Só assim fica sabendo
Cumo é grande este lugá
O quá tem rios correndo
Que a gente pensa que é o má.

Ha três coisa neste mundo
Qui si pode compará,
Qui a gente, miditabundo,
Fica inté besta in pensá,
Jurgando adivinhação
Que se dá pra adivinhá;
Mas porém preste attenção
Qui eu tudo vou lhe explicá:

Dessas três coisa, meu fio,
Maiores qui houve e qui há,
Uma é a bocca do Rio
Qui fica aqui no Pará.
As outras bocca, aquellas,
Onde ninguem toma fundo
Com suas grandes guellas,
São a da Noite e a do Mundo.

Embora essas duas bocca
Se ajuntem na mesma zona
Ficam sendo cousa pouca
Na bocca do Amazona.
Quem entra neste Amazona
Num vapô a navegá
Nem sabe se entrô na zona
Immensa do Rio-Má.

E si o quizé conhecê,
Pur amô ou pabulage,
Preciso antonce é fazê
Muitos anno de viage.
O rio que é nosso orguio,
Desde o tempo de Orellana
Por elle muito baruio
Fêz a raça lusitana.

Rio de seio tão largo
Que ninguem lhe alcança o fim,
Que nunca fica em letargo
E que só Deus é assim.
A gente fica pensando
Que a terra do outro lado
Já está quaje se furando
E o Japão todo alagado."

Estes versos, assim em linguagem matuta, pintam ao vivo, com imagens felizes, a grandeza da região formidavel do rio-mar.

Deante de um esplendor tão grandioso da natureza, os seus filhos só poderiam ser portadores de uma imaginação forte e ardente, intensificada por um sol estonteante...

E esse espirito vivaz e agudo, que habita as regiões ensolaradas, é um creador infatigavel de mil e uma lendas encantadoras.

Um verdadeiro cipoal de lendas, deslumbrantes umas, fantasticas outras, todas maravilhosas, em sua simplicidade bucolica, a lembrar sempre rios que escachoam, selvas que murmurejam, animaes que philosopham...

É a grande alma fetichista do caboclo supersticioso e rustico.

No vale colossal, desenrola-se, — repetindo a phrase feliz de Raimundo Moraes, — a teia arachnidea das lendas, inventadas pelos aborigenes, trazidas pelo africano, espalhadas pelo português, divulgadas pelo forasteiro, ingenuas, inverosimeis, risonhas, tenebrosas... (*)

Recapitulemos algumas dessas lindas historias, que fomos buscar no enorme *hinterland*, que fomos beber nos livros das chronicas amazonicas: lendas, todas ellas, tão conhecidas, tão repetidas, tão decoradas, tão adulteradas, e vivamos alguns instantes de puro encantamento.

Primeira que todas, está a das Amazonas. É o mytho inicial da região fecundissima.

Orellana, o grande Orellana, foi o seu creador.

Descendo do Perú, a combater com os selvicolas do rio-mar, foi batido por elles. Voltando áquella provincia, creou o mytho que deu o seu nome á planicie.

As amazonas eram mulheres guerreiras, corajosas e impavidas, que pelejavam com rara argucia.

Enchiam, de lado a lado, as terras inhospitas. Batalhavam e venciam sempre os que tentavam varar-lhes os penates.

Outra lenda mimosa é a das yáras.

Nascem e vivem nos igapós, e aparecem, quase

(*) "Na Planicie Amazonica", de Raimundo Moraes.

sempre, á luz prateada dos luares, vogando pelas aguas, com a sua figura espectral: metade mulher, metade peixe, cabellos longos, cauda de escamas reluzentes.

É a grande nympha seductora, que attráe, que perde, que encanta os pobres caboclos, levando-os para o fundo dos rios, onde estão os seus palacios encantados, mirificos de ouro e rebrilhantes de pedrarias...

Têm as yáras o dom da metamorphose. Surgem, de subito, sob as formas mais estranhas e mais bizarras. Perdem assim os desventurados tapuios que se precipitam na fantasia de uma visão soberba de maravilhamento.

Nos seringaes, quando desaparece algum dos trabalhadores, a crendice popular logo attribue esse facto aos maleficios encantados das yáras, que perambulam pelos igarapés e pelos paranás, no silencio magestoso das noites.

O bôto — o bôto vermelho — é o grande horror das mulheres.

Não ha *cunhatan* que não estremeça de susto e de pavor, ao ouvir contar as façanhas desses principes maravilhosos.

Surgem, á meia-noite, á hora agoirenta dos contos de Edgard Poe, e, em trajos sumptuosos, de espada á mostra, chapéos de pluma, galantes de maneiras, fidalgos de gestos, ferem no coração, com as setas de Cupido, a quantas donzellas vivem, ditosas, nas suas malocas.

E, colhido o beijo que foi sorvido com faceirice, atiram logo para longe, num abandono satisfeito, a sua conquista, e casquilham no ar uma gargalhada satanica, que faz despertar a pobre-victima. Surpresa, a *cunhatan* espia e não vê mais o principe soberbo. Na sua frente, está, a sorrir, ironica e zombeteiramente, uma figura esqualida e horrenda.

Chora, então, num desespero de morte... Foi victima da traição do genio demoniaco do bôto infernal...

A maior e a principal lenda, por excellencia, do extremo-norte é a da mãe-d'agua, a boiuna, a cobra terrivel, creadora de mil maleficios e de mil maldades contra os homens.

Nas noites negras, apenas illuminadas pelas constellações celestes, a cobra passeia a sua figura tenebrosa pelas margens floridas dos rios cantantes.

Onde passa, derruba tudo, destróe tudo, como uma avalanche do inferno.

Finge, com exactidão pasmosa, um navio passando ao largo. Os dois fócos luciferianos dos seus olhos rasgam a negrura das noites, e o seu vulto desforme semelha um grande barco, lendario e misterioso.

Raimundo Moraes, em o seu primoroso livro "Na planicie amazonica", pinta-nos, com cores de uma fixidez estupenda, a boiuna tal qual um vapor, a rolar ao sabor da correnteza.

É uma pagina viva de fantasia e de emoção.

A mãe-d'agua persegue aos homens e é a causadora de quase todos os males que lhes advêm.

Ainda ha pouco, certo trecho do cáes de Belem ruira, levado pelas aguas. E logo a imaginação popular attribuiu o desastre á cobra immensa, que abandonara seu ninho sob as paredes de pedra.

O caboclo, a alma cheia de centenas de superstições agoirentas, acredita em todos esses mythos, com uma religiosidade commovida.

Muita vez, nada de sobrenatural surge nas assombrações que o homem das mattas conta e affirma ter visto e ouvido.

Foram apenas as vozes das selvas que o amedrontaram e que o espantaram num pavor: o gralhar de aves, o gargantear de passaros, o farfalhar de ramos, o deslizar de cobras, o pinotear de bôtos...

É a grande alma da floresta virgem, no murmurio, secco e surdo, de pequeninos nadas que, no silencio rude da mattaria, tomam vulto, num crescendo formidavel, fingindo visagens de outro mundo, para susto, para espanto, para horror, do homem estoico da immensuravel "*selva-selvaggia*"...

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

Pags.

"Nas ribas do rio-mar", prefacio de Alvaro Bomilcar. 9

PAISAGENS DO PARÁ

Em rumo da Amazonia.......... 21
Cidade das arvores.......... 29
No Palacio do Governador.......... 37
Duas suggestivas entrevistas.......... 47
Aspectos belemenses.......... 57
O Largo da Polvora.......... 67
Um hospital modelar.......... 77
O matadouro de Maguary.......... 99
Um collecionador de obras d'arte.......... 95
Estrada de ferro de Bragança.......... 105
Entre 280 loucos !.......... 115
Dois magnificos institutos.......... 127
Os misterios das selvas.......... 137
Vêr-o-peso. 147
A Amazonia vae resurgir victoriosa !.......... 157

PAISAGENS DO AMAZONAS

Subindo o Amazonas........................ 169
Cidade-sorriso. 181
Intellectualidade e numismatica............... 189
Uma administração intelligente............... 199
Lendas do rio-mar.......................... 209

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO
ANNUARIO DO BRASIL
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
EM SETEMBRO DE 1928